

A. D'ARAUJO

RB 212337



*Presented to the*  
**LIBRARY** *of the*  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**







Nº 84. <sup>ma</sup> Redacção  
do "Arco Lúis", tem  
a honra de oferecer

Supra de Tard

O divino poeta

Do mesmo auctor:

ORVALHADAS, *primeiros versos.*

O SECULO XIX, *poemeto.*

CATURRA JUNIOR, *e as suas lições  
praticas.*

DESTINOS, *poemeto.*

BOHEMIA DE COIMBRA, *episodios  
da vida academica.*

ALFREDO DE PRATT

---

# O DIVINO POETA

---

*Ensaio critico sobre*

ALMEIDA GARRETT

*a proposito da trasladação dos seus  
restos mortaes para o Pantheon*



COIMBRA

**Editor — Livraria Academica**

171, Rua Ferreira Borges, 173

1903



Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Dr. Ruben Augusto d' Almeida  
Araujo Pinto

*Alma feita de bem, coração do  
mais alto quilate, character temperado  
pelos dictames da honra,*

*Ao amigo prestante, paternal,  
generoso,*

*Este livro, este humilde trabalho,  
que é o mais que lhe póde offerecer,  
com muita amizade e eterna gra-  
tidão,*

C auctor.



*Chamou-se, n esta vida, Almeida Garrett; e chama-se hoje a gloria imperecedoura de Portugal.*

CAMILLO. — *Noites de insomnia.*





# O DIVINO POETA

---

Cumpriu-se um dever.

Os restos mortaes de Almeida Garrett repousam em fim no Pantheon dos Jeronymos desde o dia 3 de maio de este anno do Senhor de 1903.

Até então nada mais se havia feito em homenagem á memoria de tão grande vulto da litteratura nacional do que a solemnisção do seu centenario.

Na sua maioria, a mocidade das escolas do nosso paiz, secundada por outros elementos tambem nacionaes, commemorou aqui e além, e muito especialmente no Porto, a passagem dos primeiros cem annos depois do nascimento do immortal

dramaturgo e grande reformador das lettras portuguezas.

Foi no Porto que Garrett nasceu a 4 de fevereiro de 1799, em uma casa da rua do Calvario (1). No Porto devia ter, já se vê, a mais levantada apothese á sua memoria jámais esquecida.

Era uma divida.

E pagou-a nobremente, patrioticamente, a classe academica, que é a esperança da patria?

Ninguem melhormente o poderia fazer.

E' que esses moços, cheios de vida e valor, mediram muito bem pela obra do athleta, o tamanho de toda a sua estatura, hoje para sempre levantada no pedestal grandioso da gloria.

Se elles não contemplaram esse roble gigante, quando ainda de pé, quando ainda todo força e vigor, agitando a sua rama viridente, florejando e espargindo primores, admiram-no, comtudo, depois de cahido, hoje, prostrado para sem-

pre é verdade, mas tocando com toda a sua gloria as nuvens alterosas de este céu meridional. De ahí a homenagem esplendorosa de esse punhado de patrióticos rapazes á memoria de esse genio, de esse homem, de esse illustre varão portuguez, que, fallecido a 9 de dezembro de 1854, começou, mais que nunca, desde esse momento, a viver para a posteridade, para a gloria, para o triumpho do talento.

O nome do visconde de Almeida Garrett — como Mendes Leal escreveu — é tanto para atear o enthusiasmo em quem o escuta, como para infundir um respeitoso temor em quem o evoca. Não se passa por diante de essas figuras ou dos seus monumentos sem inclinar a fronte ou dobrar o joelho.

Temperamento nacional e grandioso, coração de patriota e alma de artista, encerrou-se com elle uma epocha, como muito bem disse quem quer que o disse, e as suas

exequias, mais ou menos pompasas, não foram sómente, sentidissimamente a cerimonia mundana tributada a um morto. Ellas foram tambem a apotheose de uma litteratura que começava a pertencer á historia.

Genio destinado a regenerar um dia as lettras do seu amado paiz, teve sempre projectos gigantes desde o alvorecer da sua imaginação que cedo começou, como cedo se sentiu inclinada para as bellas tradições da poezia popular.

E com isto se verificou na sua excepcional individualidade uma rara excepção á regra de que todos os grandes homens de saber e intelligencia são sempre refractarios, nos seus primeiros annos, á luz da gorda sciencia.

Contra estes talentos e genios em botão mostram-se muito scepticos os observadores e tambem os psychologos. E' que, segundo elles dizem, a plena posse das faculdades inventivas, seja nas artes, seja

nas sciencias, não pode ser se não o resultado de um longo trabalho e de uma certa madureza de espirito.

Aqui á mão tenho eu um artigo de não sei que auctor estrangeiro, por que não está assignado, no qual se contesta ás creanças não o genio sómente, mas até o talento. Não será isto de mais? Póde ser que sim. Abordemos, porém, nós outros o artigo, e o leitor que resolva depois, como melhor lhe parecer, este problema moral, que na verdade é dos mais interessantes.

Na phrase do incognito escriptor, ninguém engana impunemente a natureza, por que esta procede sempre de um modo regular e por assim dizer mathematico na distribuição que ella nos faz dos seus dons, das suas generosidades, e das suas faculdades. Assim os «meninos prodigios», que de esta arte designamos as creanças dotadas de vocações e de aptidões extraordinarias e precoces, não chegam in-

felizmente quasi nunca a cumprir tudo quanto prometteram.

Isto é um facto, e já está observado que as maravilhosas aptidões manifestadas durante os primeiros annos não são absolutamente garantia de exito para o individuo durante o curso da sua carreira de homem feito.

Uma creança que desenhava aos cinco annos surprehendentemente, passa a ser um simples borrador de têlas, quando entra na carreira das artes.

Um musico que aos oito annos levantava um auditorio, ao chegar á idade madura é apenas um mediocre executante.

A these contraria tambem é verdadeira, mas n'uma proporção muito infima. Assim a creança precoce cumpre mais tarde muitas das suas promessas.

E porque?

Porque, no proprio dizer do auctor do artigo que estamos seguindo, desenvolveu, ao preço de

um trabalho obstinado, de um incessante labor, de um enthusiasmo sempre ardente, as faculdades geniaes que a natureza lhe déra na meninice.

O dito de Buffon o *genio da paciencia*, se bem que um tanto audacioso, tem aqui a sua applicação. E o proverbio *apprender até morrer* poderia completar-se assim, especialmente quando se é verdadeiramente artista.

Todos os dons, todas as aptidões, todas as tendencias notaveis que não forem auxiliadas pelo trabalho são de ante-mão forças perdidas. Ficam pertencendo para sempre á bizzarria do espirito ou ao capricho da hereditariedade ou da natureza.

O verdadeiro artista, o sabio indiscutido, o escriptor de raça, deve, além do dom natural, possuir uma personalidade, isto é, um modo particular de ver a vida, de comprehendel-a, de traduzil-a nas suas obras. A tensão perpetua do espirito acaba por gastar as molas

mais delicadas. Ao desenvolverem-se os dotes da primeira idade, é preciso ter em vista fazer *homens* e não agradáveis papagaias capazes de discutirem todos os assumptos.

Muito a miudo esses prodigios sobrecarregados de corôas universitarias ou mundanas não chegam a formar seu idéal viril, se não espiritos sem nervos, sem character, como esse reitor Hermogenes, admiravel de precocidade durante a sua infancia, e que enlouqueceu na velhice, como se houvesse vivido ao contrario.

Outros prodigios, como Raphael, Pascal e Mozart, succumbiram bem novos, plenamente exgotados (2).

A instrucção deve, portanto, ser proporcionada á força dos individuos e não deve nunca tender systematicamente a fazer um grande homem

Ora, em Garrett o que se observava, ao tempo dos seus primeiros annos, não era precisamente isso mesmo que caracteriza os meninos



prodigios. Era simplesmente uma manifesta propensão para os livros alliada á mais vehemente e natural affeição aos bons estudos. E essa anciania sublime de saber, saciada por elle na vasta bibliotheca de seu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, ao tempo ainda bispo resignatario de Malaca e residente nos Açores, para onde a tomada do Porto (3) pelos francezes em 1809 obrigou a familia do poeta a fugir, pozeram-no muito cedo, ao despontar da sua adolescencia, em contacto com as musas antigas e modernas, conhecedor dos mais auctorisados classicos, e como que preparado, em fim, para a grande passagem que havia de fazer no nosso meio litterario, onde veio a deixar um nome glorioso e tão popular como o de Luiz de Camões.

De este outro grande genio, cujo nome, infortunio e gloria elle de alma cantou e glorificou, approximam-se em parte os seus muitos destinos.

Ambos ricos de talento e vigor, ambos poetas enaltecedores dos factos e grandezas do seu reino, ambos tomaram em prol de essa patria que tanto extremeciam, em uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes e grandiosos, e na outra a espingarda de voluntarios. Mas se a morte do grande epico dos *Lusíadas* coincidiu pouco mais ou menos, com o vergonhoso funeral da nossa nacionalidade vencida pelo leão de Castella, cahida no tumulo ignobilmente, tetricamente, sem um protesto, o nascimento do cantor de esse vulto gigante qua i que foi, com estrondo e arrogancia, saudado pelos canhões francezes a troarem para cá das nossas fronteiras. Camões morreu nos preludios de abatimento da sua patria para de todo a não ver succumbida e não ter que lhe entoar as exequias, elle, que alvoradas tão de alma lhe cantara. Garrett nasceu n'uma quadra tormentosa e revolucionaria, a da invasão e conquista, como que pre-

destinado por tal circumstancia a ser o poeta da revolução.

E assim succedeu.

Levado pelo grande talento, que, como ficou dito, já na idade pueril, em que todos se entreteem unicamente em folguedos e travessuras, rebeldes á mais leve tutella pedagogica, o chamava á convivencia com os livros, e auxiliado por uma atilada e completa educação de seu tio Alexandre, que, logo que deu tento de tal gosto do sobrinho pelas letras, começou a dirigil-o e a aperfeiçoal-o, a servir-lhe finalmente de guia n'esses estudos um tanto severos em que o pequeno familiarisava sua imaginação com os mais selectos modelos litterarios, a passos agigantados annunciava Garrett toda a sua intelligencia excepcionalissima.

D. Fr. Alexandre, vindo pouco depois a ser condecorado com a mitra de Angra, e entendendo a seu modo que uma intelligencia tão privilegiada, como a do filho de seu

irmão, não devia perder-se nas mundanidades do seculo, lembrou-se de aproveitá-la para o serviço da Igreja, por que só a Igreja, lá para o bom velho, tinha direito a possuir de esses homens de talento, que são o lustre e a gloria da patria.

Fallou elle n'isto ao pae de Garrett, e este annuiu de bom grado. Garrett, porém, não sentia a mais pequena vocação para a vida a que o queriam destinar. Ainda assim, quando foi interrogado não ousou responder em contrario.

Poderia ser padre.

Em vista de isto, arranjou-lhe seu tio desde logo um beneficio da ordem de Christo... e o futuro grande homem de letras tomou então ordens menores!

D. Fr. Alexandre, sobremodo contente, plenamente satisfeito, tudo dispunha e de tudo tratava afim de que o sobrinho professasse depressa e entrasse velozmente, definitivamente, na carreira sacerdotal. Sahiram-lhe, porém, frustrados os seus

planos. Com a chegada do anno de 1816 passou-se Garrett dos Açores para Coimbra, e entrando a frequentar o primeiro anno juridico, renunciou o beneficio, Deus sabe com que sentimento do velho prelado, e obstinou-se em não querer ser padre.

Estudante applicado e de exemplar assiduidade, um dos melhores da faculdade de direito, Garrett, apesar de tudo isso, nos seus primeiros annos de frequencia da Universidade e aos olhos de professores, condiscipulos e contemporaneos, não logrou passar de um talento commum, egual ao de muitos outros estudantes. Por isso não foi premiado, conforme esperava, na sua primeira prova academica. Desesperou-o a tal ponto semelhante injustiça, por que tinha mais talento que outro qualquer, indignou-o de tal arte esse facto, que, no anno seguinte, para a todos mostrar até onde alcançava a sua poderosa intelligencia, em vez de proseguir

como alumno de direito, foi matricular-se no primeiro anno de mathematica e philosophia, cujos estudos, por mais graves e mais exigentes, demandavam, muito naturalmente, esforços maiores de intellectualidade.

Era ahi, pois, que ora queria formar-se, levado por um como que impulso de desforço do seu espirito animoso e audaz, contraste singular da sua figura franzina, da sua compleição delicada; mas não pôde levar a cabo o seu intento, por que ordens terminantes do pae o obrigaram a proseguir em o curso de direito, que elle pretendera deixar para sempre *em paz e ás moscas*.

A contas outra vez com as aridas questões de jurisprudencia, todo o seu espirito, como que para amenisar tão enfadonha tarefa, entrou de sorrir á tentadora Poezia que, de entre os salgueiraes do Mondego, fresca, captivante, juvenil, como ella só em Coimbra se sabe mostrar, começava a chamal-o e a sorrir-lhe

tambem. Foi, portanto, na decantada Coimbra que Garrett fez verdadeiramente os seus primeiros versos, esboçando o *Retrato de Venus*, (4) o *Roubo das Sabinas* e começando outras mais producções, entre as quaes a *Athala* e o *Affonso de Albuquerque*, que nunca acabou, nem mais pensou n'ellas.

Quem diria então que estava alli o poeta que, annos depois, havia de accender o novo facho de uma aurora litteraria que em breve devia chegar!

Coimbra, effectivamente, tem mais que orgulhar-se de ser a inspiradora de grandes poetas que de ter em seu seio o emporio das sciencias portuguezas.

Não me lembro de quem foi que disse isto, que tamanha verdade encerra. Fosse quem fosse. O certo é que a versejar, sem o dizer a ninguem e sem que alguém o suspeitasse sequer, chegou o sobrinho de D. Fr. Alexandre até ao terceiro anno juridico, em que um

acontecimento doloroso para a Universidade, qual foi o fallecimento do lente de prima Fortuna — o mais popular professor entre toda a mocidade academica — revelou a todo o corpo cathedratico, a toda a academia e á propria cidade de Coimbra a supremacia do engenho de Garrett.

Lamentando o passamento do estimado cathedratico, e celebrando-lhe o saber e as grandes virtudes, escreveu inspiradissimo, fulgurantissimo, a esse respeito, uma composição elegiaca, que então proferiu sobre a campa do mestre e que desde logo lhe deu fóros de poeta. Foi só então que Garrett se fez notar em Coimbra, e só então houve o nome de poeta esse homem que, de entre todos os vates portuguezes, veio a ser o mais nacional depois de Camões, esse genio que mais tarde ressuscitou gloriosamente, arrojadamente, o theatro do nosso paiz e effectuou a revolução mais bem succedida até hoje em toda a litteratura portugueza.



Como, porém, por esse tempo andava toda a patria escravizada pelo jugo inglez de Beresford, a ponto de ser grande o desanimado do povo e geral o desejo de se pôr fim a tão triste e vergonhosa tutela — o que chegou a ser tentado pelo bravo e patriótico general Gomes Freire de Andrade, que pagou com a vida tal feito — o poeta que, como tal, os seus primeiros louros acabava de conquistar, apresentou-se orador também, propagando calorosamente, eloquentemente, pelos clubs secretos de Coimbra a idéa da liberdade, que era a idéa geral. O cadaver do general enforcado cahira ainda quente, ainda palpitante quasi, sobre o coração da mocidade esperançosa ; e n'essa sua queda, n'esse baque horroroso, accendera ainda mais a fogueira do patriotismo e do enthusiasmo.

Já se via a aurora de 1820.

Por isso Garrett, no ardor da sua alma juvenil, não pôde deixar de se tornar agitador em prol das

idéas sociaes que chamavam á vida o seu amado paiz. E dadas de este modo as primeiras provas publicas da sua organização portentosa e valor intellectual, logo outras apresentou em seguida, e estas mais graves que aquellas, pelos menos manifestando em traços mais fortes e mais largos o talento genial de que era dotado.

Foram ellas a *Xerxes*, *Lucrecia*, e *Mérope*, três obras dramaticas patrioticas, de harmonia com o pensar da época. Representou-se a primeira no theatro academico, e jámais veio á luz da imprensa.

Quasi no mesmo caso da *Xerxes*, precioso documento de que já não ha memoria, padrão desconhecido dos primeiros annos do poeta, está essa outra tragedia que á *Xerxes* se seguiu, a *Lucrecia*, que tambem foi representada por estudantes no alludido theatro de Coimbra. Da *Lucrecia*, ainda assim, ainda restam alguns fragmentos, os quaes nos dão nota de muitos e

muitos versos notaveis pela sua energia e sonoridade.

Como se vê, eram dramas heroicos a *Nerxes* e a *Lucrecia*. Drama heroico tambem é a *Méropé*, que veio logo em seguida á *Lucrecia* e que, apesar de toda a sua gentileza de metro e belleza de fôrma, não passa de um arremedo de Maffei, como o proprio Garrett lhe chama.

A' litteratura dramatica se entregou de corpo e alma o poeta, por que, alem de entender desde logo que nada havia como o palco para as grandes expansões de patriotismo, pensou em preencher ao mesmo tempo a lacuna vergonhosa de um theatro nacional moderno. Além de que o drama heroico era de todas as fôrmas litterarias a unica que não estava explorada ainda, nem sequer iniciada entre nós.

Os poetas perdiam o melhor do seu tempo medindo suas forças unicamente, indolentemente, nos certames da poesia lyrica, ou en-

tão, manejando a sua penna, mais ou menos brilhante, no estreito circuito do poema erotico, na paysagem facillima da ecloga e na forma sentida do idyllio. Sómente a tragedia, que, comtudo, era de todas as fórmãs, a que melhor se prestava a illudir a censoria official do governo, exercida sobre o humano pensamento, aquella intolerancia inquisitorial do absolutismo, e a unica tambem, que, pela allusão e pelo simile, sob a capa innocente de uma fabula entretecida para enlevo do espirito, podia falar altamente, convenientemente, áquellas paixões politicas, sómente a tragedia intimidava, parecia, toda aquella pleiade de poetas portuguezes successores de esses ontros, nacionaes, que tanto illustraram os principios do seculo XVIII e com os quaes se iam quasi que perdendo as nossas tradições theatraes.

Salvaram-se por um milagre, por um triz, por um fio de cabello. E isto precisamente, tristemente, no

momento em que lá fóra as musas dramaticas enriqueciam a litteratura europeá, com especialidade da italiana e tambem da franceza !

Um homem, porém, um grande homem, em fim, espirito liberal e phylosophico, engenho do mais fino quilate, quiz Deus que apparecesse entre nos para a resurreição da scena portugueza e grande revolução das nossas lettras em geral. E esse homem, esse grande, esse Deus, como é todo aquelle que, nas grandes revoluções operadas pelo talento apparece sosinho, isolado, sem auxilio de ninguem, a proclamar esse novo movimento por elle formulado na criação do seu genio; elegeu desde logo o theatro, o palco, o grande tablado, para ser esse o primeiro campo das suas glorias litterarias.

Entrando então a cultivar a tragedia, não só pelos motivos já expostos mas ainda por que a difficuldade do genero lhe tentára o talento; e levado, cada vez a maior,

pelo novo pensamento, pela idéa moderna que a sua alma representava, e pela magestade do seu genio sem igual, imperou sobre a grande multidão, e essa multidão curvou-se reverente, imponente, ante a aurora do novo dia que vinha.

Lampejava a principio esse genio uns vagos clarões e fulgores indecisos, que brillavam, allumiam e fulgiam, mas que não deslumbravam ninguem. E' que o poeta trabalhava e produzia então muito dentro dos moldes classicos e das formas estudadas dos mestres da Arcadia, indo ainda na esteira de rotineiros preceptistas, imitando e simulando sem querer, apenas levado pela doce suggestão, que é como que o pasmo das mais levantadas intelligencias ante as obras grandiosas dos mestres, e antes de trasladarem para a téla, para o marmore, para o bronze, para o livro, os primores do seu proprio e grandioso talento. Depois, eman-

cipado de tantissimo prejuizo, tendo já a idéa propria do Bello, e temperando o seu engenho nas novas convenções da arte, levantando das ruinas da Arcadia a nova litteratura, como ella devia ser finalmente, realmente, eis-o então ascendendo, subindo, voando, á mercê da sua inspiração original e expontanea, sol que se levanta, aureolado e brilhante, fulgindo e deslumbrando afinal.

Chamava-se este homem, este genio, este grande revolucionario das lettras portuguezas, João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.

A elle, como a todos os patriotas de então, doía grandemente, vergonhosamente, aquella degradação miseranda a que chegára Portugal — pobre paiz feito joguete em mãos de estrangeiros, abandonado de seu rei, essa vergonha portugueza, e calcada pelo rude despotismo.

Nefando destino de um povo !

Heroe de sete seculos de grandeza e victoria, grangeado tudo isso por outra monarchia cavalheirosa e conquistadora, via-se por ultimo opprimido e insultado, sem alma, ao menos, para um grito de desabafo. No entanto, Portugal, será bom que se diga, não accusava tamanha decadencia quanto ao sentir de cada portuguez.

Elle vinha de reagir imponente, fremente de dignidade e valor, contra esse outro despotismo forasteiro e não menos ignominioso da revolução franceza, que chegára de Paris até nós, dando a volta por toda a Europa. Portugal, na pessoa do seu povo, acabava de escrever á ponta de espada e bayoneta uma pagina das mais protentosas e gloriosas de toda a sua historia, operando, por meio das armas a vindicação mais santa e heroica do seu pondenor e do seu amor patrio contra a arrogancia do temeroso Napoleão, que, na febre de conquistar todo o mundo, pen-



sára tambem em arrancar dos lusos pendões as quinas venerandas e ricas, para ali, em lugar de ellas, pôr o rubro brazão das suas conquistas.

E esse povo que, por um grande patriotismo e maior pundonor, não quizera, e com gloria o conseguira, assistir como escravo, como servo opprimido, no seu proprio paiz, no santo solo da sua querida patria, á apothese aviltante, degradante, insultante do absolutismo estrangeiro, não tinha a coragem precisa para pegar do clarim da liberdade e vir á praça publica fazel-o soar em homenagem á nova alvorada.

Todavia, muito timidamente, discretamente, em mysterio quasi, e como que em ritos de symbolica liturgia, o grande sol já era saudado em innumeradas associações secretas.

A mocidade das escolas, onde havia verdadeiros sectarios e evangelisadores devotados da reformação do systema politico que estava

na brecha, salientando-se de entre todos Almeida Garrett como o mais entusiasta, como o mais devotado ; a mocidade das escolas, reforçada por essas outras classes para quem a liberdade era o facho mais formoso e brilhante que de ha muito, e de longe admiravam, proseguia agitadora e fremente, mas dentro dos limites do secreto, na sua propaganda do doce crêdo revolucionario.

Enthusiasticamente, necessariamente, a revolução era sympathica e urgente. Ella não poderia tardar. Não podia nem devia tardar.

Já se estava em 1820, e este anno parecia apresentar-se como que para ser o da nova alvorada.

Assim succedeu. (5)

Num impulso febril de sagrada ambição, as hostes liberaes, até alli commedidas, trabalhando a occultas por temer as prescripções da politica despotica, affrontaram enfim com arrojo e coragem, á luz do grande dia que devia ser o do triumpho,

aquellas punições inquisitoriaes, peito feito ao que dêsse e viêsse, e avançaram para o seu ideal.

Chegara a liberdade.

Chegara a liberdade, dizia-se. E tão bem implantada a suppunham, offuscados pelo brilho do triumpho e antes de, primeiro que mais nada, incarnarem o novo verbo nas instituições e costumes, tão impossivel julgavam o desforço da reacção que, cegos no seu enthusiasmo, desvairados pela gloria da conquista, dêram em entreter-se com «vivas» e jaculatorias e odes e discursos e brados unisonos ao feito luminoso que vinham de praticar. Succede isto mesmo a todos os povos em momentos de egual regosijo.

E' regra geral. Logo, os liberaes de 1820 não podiam vir a ser a excepção. Acostumados, pelo muito que esperaram, a veneral-a de longe, como a um idolo sagrado em que lhes era defezo tocar, a liberdade era por elles exaltada e apregoada como se todos a um tempo

entoassem um hymno em homenagem á patria liberta.

Acclamada em todos os logares, por que era a regeneração do paiz, assumpto do dia para todos os desabafos, por que era a independencia tambem do pensamento, o povo enaltecia-a nas praças, dando «vivas» frementes de gloria, e os vates, os oradores, todos os espiritos illustrados, celebravam-na em academias por todo o paiz, tangendo as suas lyras de bons patriotas e vibrando as melhores cordas da sua inspiração.

A Universidade tambem a festejou. Foi a sala dos capellos o amphitheatro escolhido para tão patriotica manifestação. Lentes e estudantes, todos falaram. Todos foram calorosos e vehementes de genio nas suas saudações ao novo Sol que chegára. Mas a voz portentosa é o engenho sem igual de Garrett, ainda mais uma vez, e como sempre, ao serviço das modernas idéas, foram os sons mais sublimes e sen-

tidos que mais alto vibraram alli. O seu discurso, uma ode toda amor e sentir de verdadeiro portuguez, em que o poeta cantava a liberdade e patriotismo, num estylo muito outro do das suas precedentes composições, já livre e já solto de qualquer imitação, muito á vontade, muito dentro de si, por que cantava um assumpto novissimo e só tinha a inspirar-se na propria convicção da sua alma, foi o mais arrojado, foi o mais admirado de todos os seus vôos para o apogeu onde havia de chegar.

Um anno depois, já então accommodada a liberdade tambem á imprensa, veio á luz da publicidade a sua primeira obra impressa.

Foi o *Retrato de Venus*.

Inspirado e esboçado pouco depois do seu auctor dar entrada em Coimbra, conforme já atraz ficou dito, e no dizer do proprio Garrett, que em nota nos explica tudo isso, em Coimbra foi afinal publicado em o anno de 1821.

Longe de ser obra acabada, o que de maneira nenhuma poderia succeder, attendendo á idade juvenil em que o poeta o escreveu, mas tendo muitos versos sublimes e sonoros e um estylo animado e bellamente, docemente portuguez, este pequeno poema, consagrado á apothese da belleza e do amor, pode dizer-se que não tem escola definida. Ora isto, que nos tempos presentes não quer dizer nada, comtanto que se seja um poeta de força, naquelle tempo, então, ainda menos importava, embora se fosse um insignificante poeta. E' que antigamente, por exemplo, para definirmos o homem que escrevia prosa, chamavamos-lhe simplesmente um prosador, um escriptor, e ao que fazia versos um poeta, muito naturalmente. Pois hoje já assim não succede. Mudam os tempos, mudam-se os ventos. Nós, agora, para definirmos um e outro temos logo que os adjectivar á altura. Não é lá qualquer coisa. Assim, o primeiro poderá ser um

escriptor multisciente, e o segundo um poeta idiosyncrasico. Para amos- tra de tal idiosyncrasia, pegue-se em tres livros de tres poetas mo- dernos, que ahi andam fazendo fu- ror. Seja o primeiro o *Só*, de An- tonio Nobre, que, coitado, já lá es- tá na terra da verdade. O leitor, mais ou menos idiosyncrasico tam- bem, sabe como se rimam estes versos:

Lá vae sobraçando o cantaro  
Levando na mão um pucaro ?

Quer dizer, o leitor será capaz de juntar a estes dois versos outros dois, formando uma quadra devida- mente rimada ?

Almeida Garrett e outros poetas como elle, bem suáram as estupi- nhas a procurar rimas para milha- res de palavras esdruxulas, taes como lagrima, pagina, cantaro, pu- caro, etc. Pois Antonio Nobre, com toda a sua idiosyncrasia, e sem suár coisa alguma, num ai, num

prompto, d'uma simples peanada, completou de este modo a quadra em questão :

Levando na mão um pucaro  
Lá vae sobraçando o cantaro.

A qual quadra, toda ella inteira, completa, sem falta de uma virgula sequer, vem, pois, a ficar assim mesmo :

Lá vae sobraçando o cantaro  
Levando na mão um pucaro.  
Levando na mão um pucaro  
Lá vae sobraçando o cantaro.

E para a frente é que é o caminho. Então que julgavam ?

Segue-se agora o sr. Julio Dantas, poeta inconfundivel, para honra e gloria dos que ainda se confundem.

O livro de este idiosyncrasico chama-se *Nada*. E' nada effectivamente. Para elle tudo é verde e é de ouro. Simplesmente pasmoso. Todavia, no tocante á verdura, bom será que assim seja, porque o nu-



mero dos consumidores está augmentando. Realmente, o sr. Eugenio de Castro escangalhou a cabeça a muita gente, que, verdade, verdade, era bem digna de sorte melhor.

Dirigindo-se a uma *ruiva*, diz-lhe assim o sr. Dantas :

Tu de tanto apertares a cintura  
Já tens os rins fóra do seu logar.

Pobre rapariga ! Temos dó de ella e tambem do poeta, porque lhe vemos os miolos como os rins da tal *ruiva*. Estes demonios andam todos assim.

E que me dizem ao sr. Lopes Vieira ? E' este o terceiro dos tres poetas modernos para que chamámos a attenção do leitor. O seu livro tem um titulo de uma canna.

Chama-se *Para qué ?* Olhem que já é ! A gente, ainda mesmo que não queira, fica a scismar na graça do livro. Ora ! *Para qué ?* Para que diabo ha de ser !

Para nos dizer de estas :

Péga numa caveira, e olha bem

Prompto. Já pegámos e olhámos. Isto realmente só com uma péga... de cara.

E, então, mais adiante :

Não vês como eu ando assim derreadinho.

Ora se vêmos ! Anda mesmo de todo, o pobre rapaz. Coitado. Está-se mesmo a perceber que precisa de vinho de quina e ferro, ou então de kola granulada. Os tonicos devem fazer-lhe muito bem.

Ora, havemos de concordar que esta escola litteraria de agora tem muito de hospital de invalidos. Escola litteraria definida não a tem, pois, conforme já dissémos, o *Retrato de Venus*, de Almeida Garrett. E' um mixto de Bocage e de Fylinto. Cantos modulados pela musa do primeiro ; estylo imitado do classicismo do segundo. O que, porém, bem claro se deprehende

do *Retrato de Venus* é que desde verdes annos acompanhou Garrett aquella inspiração latente, que já-mais o deixou e que mais o apaixonava, do galanteio ao eterno feminino ou, seja, a adoração das mulheres. Aos dezesete annos, que tantos elle tinha quando escreveu este poema, já ellas reinavam em o seu coração. (6) E nessa idade em que o amor é um delirio, uma febre, uma cousa que não se explica, o poeta, em versos apaixonados, palpava esse amor, que é o amor de toda a gente, carnalmente, materialmente.

Isto acarretou sobre o *Retrato de Venus* a nota de poema licencioso, sendo, portanto, annuciado e accusado como offensivo aos bons costumes. (7) Logo sobre o volume, como corpo de delicto, instaurada sem delongas a causa em Coimbra, e em seguida transferida para Lisboa, se assentou o primeiro julgamento do jury de imprensa em o nosso paiz.

Afinal, estava implantada a liberdade... e parecia que não havia tal cousa.

E' que com a apregoada regeneração de Portugal apenas a inquisição baqueara. O restante conservava-se como de antes. Fôra tudo uma illusão. Parecia. A par dos direitos de cada cidadão proseguia de pé o desembargo do paço, a chancellaria-mór do reino, a mesma organização absurda de tribunaes, numa palavra, quasi o mesmo principio e o mesmo fim do regimen official condemnado. A monarchia, ostentando outras vestes, os novos paramentos liberaes, com que toda de ponto em branco a cobriram, estava ainda de posse do seu velho systema. Apresentava com a déstra a carta das liberdades, e occultava com a esquerda o bastão do despotismo. Era a falta de incarnação do novo verbo politico em todas as instituições.

Garrett houve, pois, de apre-

sentar-se ao respectivo tribunal, em Lisboa. E ahí, como reu, ao mesmo tempo que patrono da sua propria pessoa, fallando á accusação, ao juiz, aos jurados, a todo um auditorio illustrado, num grande enthusiasmo de talento, numa elevada formosura de estylo, conseguiu defender brilhantemente, soberanamente, de tão fanaticas e malevolas imputações, uma das primicias do seu engenho poetico, o poema *Retrato de Venus*.

Desde logo absolvido e admirado por todos que o tinham escutado nos altos transportes do seu genio luminoso, Garrett foi tambem abraçado e saudado por certas individualidades litterarias que alli tinham accorrido, e alli o reputaram por unanimidade um soberbo ornamento da tribuna popular.

Aquelle contratempo, aquella primeiro choque por elle soffrido em principio da sua carreira litteraria, dá-lhe azo felizmente, belissimamente, a revelar em outro

meio mais largo, fôra de Coimbra, em plena capital, essa outra face alterosa, esplendorosa do seu inconfundivel talento.

Tinha elle então 24 annos de idade. Já era bacharel. No anno seguinte, em 1822, ainda muito novo, ainda tres annos áquem da idade precisa para poder «lêr no desembargo do paço» (8) ou encetar a carreira da advocacia, e feita com grande triumpho a sua formatura em direito, sahio o poeta de Coimbra para Lisboa, e ahi fixou residencia, sendo depois nomeado official da secretaria do reino, mediante concurso, o qual fez com todo o brillantismo.

Na capital, onde desde logo ainda mais se afundou nas fomentações politicas que tinham ramificações em todos os pontos do reino, foi ahi que escreveu o *Catão*, a pedido de certos trunfos da nova politica, que desejavam ver em scena um drama grandioso pela idéa moderna e que fosse ao mes-

mo tempo portuguez ás direitas, pois que portuguez era tudo, ou tudo o queria ser, naquella quadra agitada e de civico fervor, mas tão cheia de inauditas excentricidades e de vergonhosas contradicções.

Inspirada e moldada por um assumpto seductor e grandioso, qual é o da historia romana, a peça, apesar de improvisada quasi, e sendo de todas as tragedias que o poeta escreveu aquella em que elle todo se revia como a mais predilecta da sua alma de artista, melhorando-a depois com esmeradas correccções, sahio então ao agrado de todos e foi o brado mais forte e vibrante em homenagem da idéa acclamada. (9) No dizer do sr. Theophilo Braga, o espirito de essa idéa naquella grande quadra em quẽ se elaborava a transição politica das Cartas constituçionaes, denominavam-no de *idéas francezas*, e os livros do negativismo philosophico eram lidos e reproduzidos

nas outras litteraturas. Garrett, devido, pois, á muita leitura de Voltaire, a que por ultimo se havia entregado, fizera a sua nova producção fóra dos moldes da velha rotina. As regras que seguira no *Catão* eram as regras voltaireanas, as quaes, accommodadas á litteratura dramatica ingleza, davam a tragedia em todo o seu esplendor, despida das asperezas e exaggerações em que William Shakespeare incorreu. E nessa nova peça dramatica, muito outra, na forma e feitura, das suas precedentes composições, o poeta, num arrojo febril, num entusiasmo sagrado de verdadeiro patriota liberal, celebrava a apotheose mais santa, mais nobre, mais digna, do general enforcado, do maior defensor da causa da liberdade, do martyr da patria Gomes Freire de Andrade. (10)

Muito mais admirado pela idéa politica que todo elle representava, do que pelas bellezas do desenho novissimo, o qual, pondo o drama



como espelho da idéa natural, (11) o tornava, por isso, muito mais intelligivel, o *Catão*, victoriado desde logo como o hymno dramatico da idéa moderna, como a glorificação de essa mesma luminosa idéa, incendera ainda mais as centelhas do amor patriotico, o fogo politico dos liberaes convictos. Mas no meio de todo esse enthusiasmo veio a reacção de 1823! Tudo quanto fosse liberal era mistér que fugisse da forza, porque estava-nos em casa o absolutismo, na pessoa de D. Miguel, de quem disse Oliveira Martins que era o demagogo de antigas idades, perdido no meio de um seculo inimigo. (12)

Garrett, mais accusado que ninguém, foi um dos primeiros que se ausentaram da patria. Na carreira burocratica, em que entrára, havia sido já promovido a chefe da repartição de instrucção publica e estabelecimentos pios; e como orador, que o foi sempre, dos mais alevantados e energicos, novos lou-

ros tinha também conquistado, merecendo gloriosa e honrosa menção o seu elogio funebre a Fernandes Thomaz, que acabava de succumbir pela idéa antecipada, talvez, de ver demolido o seu monumento á liberdade da sua querida patria.

Foi em Warnick, Inglaterra, para onde embarcou occultamente, tristemente, em a noite de 9 de junho, a bordo do paquete *Duque de Kent*, que o poeta primeiro se exilou. Pouco depois, passando á França, fixou residencia no Havre. Ahi lhe chegaram as más circumstancias pecuniarias, e com ellas a fome, a amargura, a nostalgia. Tudo isso lhe dava momentos terriveis, de verdadeiro desespero e de lucta. A forca, a que elle fugia, ser-lhe-ia mais doce e almejada, se não fôra tão grande ignominia em lugar de sacrificio tão nobre. Nesta conjunctura dolorosa deparou-se-lhe afinal, por intermedio de um amigo, um emprego menos mal remu-

nerado no escriptorio do banqueiro Laffite, que era a casa mais forte do Havre. Afastado da patria que tanto extremecia, sem a luz do bello sol da sua terra, e faltando-lhe os cantares amorosos da musa do seu povo, faltando-lhe tudo, mas então já tranquillo de espirito no tocante á grande luta pela vida, ao pão de cada dia no exilio, foi por essa occasião que começou a escrever para o periodico *Popular* que, em lingua portugueza, se publicava em Londres, uns artigos politicos de grandioso alcance sob o titulo *Europa e America*. São estes artigos que constituem a materia do seu livro *Portugal na balança da Europa*.

Mas as saudades da patria é que não o deixavam. Ellas davam-lhe no exilio o «gosto amargo de infelizes», aquelle «delicioso punhir de acerbo espinho», que elle depois decantou com tanta paixão; e a sua alma, empolgada incessantemente, cruelmente por ellas, an-

ciava desprender-se de aquellas algemas para voar... Não podia, porém, fazel-o tão cedo. Elle tinha que estar alli acorrentado. Não sabia até quando, mas tinha que estar alli acorrentado! No entanto, toda a sua tristeza, todo o seu sentimento, toda aquella dôr funda de emigrado e de artista, precisava de um desafogo condigno, precisava de expandir-se sentindo e pensando. Só o trabalho todo de alma e coração lhe seri alenitivo naquella amargura. Entregou-se-lhe com affinco, então.

Alli, em plena França, que já de tempos remotos era quem legislava para nós portuguezes e para toda a Europa, sobre artes e lettras, como em outras idades e em outras civilisações, outras nações tiveram igual privilegio, Garrett, nessa triste emigração, assistia em pessoa, por um acaso feliz, á renovação das litteraturas da epoca. A nova escola seduziu-o e animou-o. E de tal arte se lançou ao trabalho, nas

horas vagas da sua occupação, que num ápice concebeu e escreveu as suas duas maiores e mais bellas producções poeticas, as quaes foram como que o véo alvejante e subtil, o véo branco do noviciado risonho da escola romantica em o nosso paiz. Chamam-se essas duas obras primas, esses poemas geniaes, ainda hoje justamente, nobremente reputados os maiores na moderna litteratura portugueza, *Camões* o primeiro, e *Dona Branca* o segundo. Como escreveu, não sei que escriptor de aquelle tempo, antes de *Dona Branca* a nossa poezia, moldada pelo typo da poezia franceza e italiana do seculo XVIII, não era se não um reflexo pallido da luz serena da arte grega, reverberado frouxamente no poetar dos romanos, e ainda mais descorado no da epoca de Luiz XIV. A influencia da nossa Arcadia, se destruiu os desvarios gongoristicos do seculo XVII, matou tambem a nacionalidade e a vida intima da

poezia. A arte converteu-se em sciencia e erudição. Os poetas *fizeram-se*, não *nasceram*, e por cada poeta *inspirado*, houve vinte educados pela ferula das poeticas e rhetoricas. Protegidas por uma metrificacão severa, por certas peloticas de lingua, por tropos collocados em bataria, por um estylo pomposo e estudado, por harmonias vãs e sem pensamento, quantas semsaborias e trivialidades estão aninhadas por esses muitos volumes de versos de meio seculo!

O padre José Agostinho de Macedo, tão accusado e malquisto, por invectivar contra Camões, e escrever o *Oriente* para contrastar os *Lusiadas*, não fez mais que resumir e exprimir claramente por theoria e pratica o espirito da Arcadia, que esta propria ou nunca em si entendera ou nunca ousara declarar. A *fórma* da arte era o fim da Arcadia. Era com *fórmãs* que Macedo guerreava Camões. Era para as *fórmãs* que construiu a

montanha de gêlo, a que pôz o nome de *Oriente*. José Agostinho foi quem definiu a chamada restauração da poezia feita pelos poetas do marquez de Pombal; e os discipulos e admiradores dos arcades, que tão assanhadamente pelejavam com Macedo, nem o entendiam, nem se entendiam ás suas proprias pessoas. Por isso na lucta todos elles, sem uma excepção, ficaram vencidos sempre.

Quando essas luctas cessaram e Macedo atirou á balança politica a sua penna violenta e mordaz, o cyclo pseudo-poetico da escola de Diniz estava completo. Devia morrer e morreu. A sua missão acabara. A influencia da philosophia litteraria allemã tinha-se espalhado na Europa, e uma poezia livre e robusta fazia curvar diante do pensamento a fôrma, diante do ideal o material, diante do nacional o extranho, diante do poeta a poetica. (13) Fois pois nesta época que Almeida Garrett, atirado pelas re-

voluções para as praias do desterro, no vigor da mocidade e do talento, viu passar o saimento das eglogas, dos sonetos, dos dythyrambos, das elegias e das odes pindaricas, de aquellas bemaventuradas odes sobre cuja tumba, «choravam as lyras com as bujarronas esvoaçando soltas por mares de louvores, seguidas por um clarão sonoro de buscapés, meio desasado, voando com os pés pelo chão, cósta arriba do Pindo.» Garrett viu isto e assim conheceu que a elle, que nascera poeta, que estava fóra da influencia escolastica, e que via surgir de roda de si a poezia da consciencia e da inspiração cumpria tomar na litteratura patria o lugar que Scott, Byron e Crable, Goethe, Schiller e Burger, Lamartine, Soumet, tinham nas litteraturas ingleza, allemã e franceza. *Dona Branca* e *Camões* foram, pois, o resultado de esta convicção. *Dona Branca* é o ideal da idade media portugueza convertido em typo poetico. *Camões* é



o ideal do poeta christão, valente e generoso, revelado no quadro da longa agonia dos ultimos annos do rei dos poetas portuguezes. Estes dois poemas, lançados sem discussão preliminar na arena litteraria do nosso paiz, fizeram estremecer de horror os homens das regras, os homens das poeticas e rhetoricas. E, com effeito, esta appareição não podia ser comprehendida. A transição era muito repentina, e ninguem concebera sequer que as tradições da Arcadia deviam perecer logo que fossem definidas. Os criticos agarraram-se á linguagem, ao estylo, á metrificacão, em fim, áquillo de que sabiam, ás fórmulas; mas o espirito e o resultado de estes dois poemas ficaram sem ser percebidos, nem calculados, e só muito mais tarde, se não hoje, é que elles se começaram verdadeiramente a sentir.

*Camões* é, pois, o monumento mais soberbo e mais duradouro, o primeiro monumento, em fim, que

teve o grande epico dos *Lusiadas*. *Doña Branca* é a semi-historia e meia lenda da nossa conquista do Algarve, é o nosso rithmo e a nossa melodia pela alma do poeta, que tão bem entendeu a grande alma popular. Em ambos elles a nostalgia do poeta imprimiu a verdadeira expressão. O poeta da saudade está alli. Cada vez a sentia mais funda, cada vez a sentia mais viva. E não poder elle voar!...

N'este comenos morre D. João VI. Faz-se a outhorga da Carta Constitucional, que o monarcha havia perjurado, e Garrett corre logo muito léstô, muito outro, em demanda d'este céu carinhoso e amigo. Novamente, docemente sob elle abrigado, e depois de lançar á publicidade a sua *Carta de guia para eleitores*, um punhado de paginas notaveis, funda *O Portuguez*, bello periodico politico, e com elle fez então a sua estreia brilhante de jornalista inimitavel, unico, jamais secundado. Aquella sensatez com

que expunha as suas idéas e principios, a moderação da sua bella linguagem, sempre elevada, sempre correcta, e a nobre e commedida altivez com que redigia os seus artigos politicos, tudo isso foi então novidade em Portugal, onde imperavam umas torpes diatribes journalisticas, das quaes resultavam represalias não menos selvagens, e novidade seria hoje outra vez por que Garrett não teve seguidores, nem, ao menos, como jornalista politico.

Ainda por outro lado não menos notavel, impoz elle á admiração do paiz o seu periódico em tudo tão outro das diversas gazetas até alli apparecidas. Foi com a criação do folhetim, uma cousa ainda então desconhecida entre nós, e que elle inaugurou com exito feliz, artisticamente, humoristicamente. E n'esta faina constante, accidentada e tão trabalhosa de politico, jornalista e litterato, ainda escreveu e mais tarde publicou esses dois livros, pequenos mas bellos, de

titulos *Adozinda* e *Lyrica de João Minimo*.

Veu, porém, o anno de 1828, e o golpe de estado vibrado por D. Miguel, obrigou-o a emigrar outra vez. Era sina sua a expatriação! Elle lá foi. Ainda assim, d'esta vez, a desfortuna mostrou-se-lhe muito menos rigorosa. Embarcando com destino a Londres, achou alli a valiosa protecção do duque de Palmella, o qual desde logo o collocou como secretario da legação portugueza.

Em Portugal a agitação era grande. D. Miguel acabava de violar todos os seus juramentos e de atraiçoar a confiança que n'elle havia depositado o legitimo rei, que n'esse momento, para maior prova de absoluta confiança, vinha de completar a sua abdicação. Estava, pois, consummado o grande crime. Referviam por isso, como escreve Camillo, as paixões de escravos voluntarios contra a anciedade irreprimivel dos devotos da liberdade.

No ar de Portugal recendia o acre do sangue de Gomes Freire de Andrade. O guião dos temerarios aggressores da tyrannia estúpida ondeava nas fortalezas. A victoria incruenta enganava os mais previstos. Conjuravam mais as forças intelligentes a architectar o edificio constitucional, quando lhes cumpria contra-minar as insidias da hespanhola e do filho, que parecia ter sido alistado nos ubres da hiena materna.

A mocidade academica de Coimbra, por exemplo, estava excitada vivamente contra o infante, cujos sentimentos anti-liberaes lhe eram bastante conhecidos, e cuja chegada ao reino não fôra saudada pelos estudantes com grande enthusiasmo.

Mais de quinhentos de elles tinham ajudado a rebater os impetos do marquez de Chaves. Venceram. Todavia, restaurada a regencia e a constituição, attentaram para longe, e viram atroados de tempestade os horisontes. Colligaram-se então e

conjuraram. Juramentaram-se e offeceram vida e honra em penhor da execução indeclinavel dos seus compromissos. Pozeram ao alcance do punhal e da bala os esbirros abjectos e os despotas coroados. Todos a um tempo gravaram na fronte do covarde ou do apostata o ferrete da execração, sem cedencia da vida.

A parte liberal da academia reunia-se nos seus clandestinos esconderijos sob o nome de *Club republicano escolastico*, disposta a resistir á perfidia do regente, já demonstrada nos actos iniciativos de governo absoluto. Era notorio que se preparava uma deputação do corpo cathedratico e do cabido de Coimbra, enviada a felicitar D. Miguel. Constava que os lentes eleitos seriam os dois mais entranhados inimigos dos estudantes que se haviam manifestado contra o insurgente marquez de Chaves. Grassou outrosim o boato de que os dois lentes, adrede escolhidos, Matheus de Sousa Coutinho e Jeronymo Joa-

quim de Figueiredo, colligiam uma lista dos academicos suspeitos, afim de os fazer punir e riscar da Universidade, delatando-os ao infante. Expendidas as novas atterradoras n'uma sessão de numerosos academicos nomeados maçonicamente os *divodis* ou *divodignos*, surdiu unisono o grito de morte aos lentes.

E o caso é que mataram dois de elles.

Foi esse um acontecimento lamentavel, que estampou uma nodoa escusada na causa liberal; e que até certo ponto absolveu os primeiros excessos dos miguelistas.

A deputação resolveu pôr-se a caminho de Lisboa depois de promulgado o decreto de 13 de março, que verdadeiramente suspendia a Carta Constitucional. Ora, este decreto produzira uma grande exaltação na mocidade academica. N'essa exaltação, tão natural de animos juvenis procedeu-se desde logo por parte dos *divodignos* ao sorteio dos treze consocios que deviam impe-

dir a ida dos lentes. Os nomes dos que a sorte designou está o leitor fartissimo de os lêr em livros nacionaes e estrangeiros de estes ultimos tempos.

Mas esses mesmos nomes, dados assim á publicidade por uns narradores que ora se metteram a fazer a historia do facto, não são bem exactos alguns. Os coevos escreveram muito pouco do feito reprovadissimo. Não admira. Elle foi de tal ordem que até os liberaes esconderam o rosto para lhes não bater a bofetada dos inimigos. Que elles foram treze, os sorteados, não offerece isso duvida nenhuma. Está averiguado. Cinco tambem eram os lentes e conegos que compunham a deputação, a qual finalmente sahiu de Coimbra pela madrugada do dia 17 de março de 1828. Perto, porem, de Condeixa, a meia legua de distancia, onde chamam o Cartaxinho, sahiram de subito á comitiva da deputação os treze divodignos armados e de rostos velados.



Um esturrado miguelista que se deu ao trabalho de escrever a seu modo e sob o titulo de *Portugal desde 1828 a 1834*, a historia dos acontecimentos politicos de tal epoca, diz que essa cabilda de facinorosos, de rostos velados, e ardendo em odio politico, accommetteram de golpe, e com a avidez sanguinaria do tigre, aquelles respeitaveis portuguezes, e os arrastaram para fóra dos caminhos; e apenas se persuadiram que poderiam realisar impunemente o nefando plano, que tinham concertado, com o cynismo dos espiritos lisnados pelo fogo das mais vis paixões, e á voz do sicario que os caudilhava, mataram o lente Figueiredo, e em seguimento e tambem á voz do chefe de aquella quadrilha de salteadores, calhiu crivado de ballas e envolto no proprio sangue o dr. Matheus, a quem um dos cannibaes, a instancias da victima, acabou de trucidar, cravando-lhe uma e muitas vezes no peito o agudo punhal, e

terminando por arrancar-lhe os olhos !

Imagem como o bom do miguelista proseguirá.

Diz elle em remate que os assassinos eram estudantes da Universidade de Coimbra e sequazes dos principios revolucionarios : inimigos implacaveis do Senhor D. Miguel, bem como dos que defendiam a causa da legitimidade.

Pois diante das clavinas que esses treze *inimigos implacaveis do Senhor D. Miguel* abocaram aos peitos dos conductores das caleças em que seguia a deputação, pararam estes ultimos immediatamente. O que acaudilhava aquelle troço de rapazes cheios de força e de futuro e ainda tão novos, entre os 19 e os 24 annos, abeirou-se então das caleças com a arma inclinada sobre o ante-braço esquerdo, perro levantado e dedo no gatilho, e ordenou aos conegos e lentes que saltassem para fóra. Os homens saltaram e com elles umas creanças que leva-

vam. Maneataram depois os arrieiros e creados, com ameaça de os arcabuzarem se bosquejassem um gemido. Nenhum resistiu. Os doutores, esses, foram embrenhados com as quatro creanças em uma espessura de arvores, pouco distante da estrada, e ahí arcabuzados com duas descargas, de que resultou morrerem os dois lentes Matheus e Figueiredo e ficarem gravemente feridos um conego, um deão e ainda outro lente. Quanto aos meninos, parece que mal lhes tocaram. E arrombados os bahus e rasgados os papeis que n'elles encontraram debandaram em dois grupos os treze «divodis». Vistos, porem, por uma aldeã que, do alto de um outeiro, onde tinha um moinho, testemunhara a carnificina e se pozera a bradar contra elles, alvoroçando de este modo as aldeas visinhas, foram perseguidos por uma escolta de cavallaria do general Agostinho José da Fonseca, que passára no momento em que o povo se apinhou na estrada aos bra-

dos da aldeã. A escolta conseguiu prender nove. Eram os que compunham um dos dois grupos em que elles se dividiram. Do outro grupo foram mais tarde, entre este anno de 1828 e o de 1830, capturados dois. Quanto aos outros dois, que nunca foram descobertos, sabe-se que um de elles era padre. Desterrou-se e voltou a Portugal na expedição do Mindello, sem vestigios de corôa, e fardado de caçador.

Se a alguém contristou, como de facto contristou, tão lamentavel acontecimento, em que um punhado de magnificos rapazes se perderam pela honra da sua palavra juramentada, não foi decerto ao governo de D. Miguel. Esse, alli onde o viam, estava radiante de contentamento, por que os seus proprios adversarios lhe haviam preparado o ensejo de castigar asperamente a flôr dos liberaes e castigal-a com toda a razão, dizendo de este modo ao paiz, como muito bem considera Pinheiro Chagas: Vejam o fructo

das perniciosas doutrinas liberaes !  
Vejam o que resulta do regimen  
da Carta Constitucional ! São liberaes os academicos, e, por serem liberaes, assassinam os seus lentes, que deviam considerar como os seus segundos paes, como os paes do seu espirito ! Que lhes parece o fructo das novas theorias ? Querem a continuação ? E querem que um governo de ordem e de moralidade acceite doutrinas tão perversas, e deixe impune tão odioso crime ?

Não era capaz de isso o governo do Senhor D. Miguel. Logo uns seis dias depois, recebeu o corregedor da comarca de Coimbra, o seguinte officio da terceira direcção do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça :

Tendo chegado ao conhecimento de S. A. o Senhor Infante Regente, em Nome d'El-Rei, o actroz delicto de que Vm.<sup>ce</sup> de certo já hade estar informado, praticado na estrada de

Coimbra para Lisboa, perto do lugar de Condeixa em a manhã do dia 18 do corrente contra alguns inermes e despercebidos membros das Deputações que a Universidade e Cabido da Cidade de Coimbra enviarão a felicitar Sua Alteza pela sua feliz chegada a Portugal, e outras pessoas que os acompanhavam, por facinorosos cheios da maior perversidade, ou antes, por homens degenerados, e que mais do que o nome de homens merecem o de tigres ferozes; e persuadido Sua Alteza de que sobremaneira convem ao interesse publico, que este horroroso delicto, que faz estremecer a natureza e que infelizmente coube em sorte a Portugal ver commettido no seu solo e por Portuguezes, seja sem demora e exemplarmente punido: He o mesmo Augusto Senhor servido determinar que Vm.<sup>ce</sup>, sem perda de tempo, proceda ás diligencias conducentes para a averiguação e descobrimento de todos os authores e

maquinadores d'este fatal acontecimento, empregando Vm.<sup>ce</sup> para isto a maior actividade e zelo, e entendendo que este he hum dos mais importantes deveres que actualmente lhe incumbe, e que do modo como se comportar no desempenho d'elle dependerá principalmente o conceito que Sua Alteza ha de formar a seu respeito; e tambem que não lhe será desculpada a mais pequena omissão em objecto de tanta consequencia. Outro sim ordena Sua Alteza que Vm.<sup>ce</sup> em tempo opportuno dê conta por esta Secretaria d'Estado do resultado das referidas diligencias, a que deve immediatamente proceder. — Deos Guárde a Vm.<sup>ce</sup>. — Palacio de N. Snr.<sup>a</sup> d'Ajuda, em 22 de março de 1828. — *Luiz de Paula Furtado Castro do Rio de Mendonça*. — Senhor Corregedor da Comarca de Coimbra.

No entanto, a usurpação de D. Miguel ia assim radicando-se.

A melhor e maior parte dos liberaes tinha-se visto na necessidade de emigrar, e por lá andava, por Inglaterra e por França, como Garrett, que se acolhera a Londres.

Foi então, na capital ingleza, apesar de novamente, tristemente a braços com a funda nostalgia de Portugal, que elle adquiriu estudos vastissimos sobre cousas de administração politica e instrucção publica, escrevendo por esse tempo o *Tratado de educação*, obra em tres volumes, mas de que só veio a publicar o primeiro, por que um acaso fatal que adiante diremos privou o escriptor e a litteratura portugueza dos outros seguintes e de mais uns ineditos.

Cerca de dois annos depois, em 1830, o movimento tumultuoso, pressuroso dos emigrados a caminho dos Açores, instigou-o a passar-se á França. Elle já havia cantado n'uma soberba poezia, recamada de verdadeiro amor patrio, e intitulada *A lealdade ou a victoria da*



*Terceira*, aquelle grandioso triumpho que os constitucionaes obtiveram na Villa da Praia, no dia 11 de agosto de 1829.

Semelhante victoria, secundada pela celebre revolução de julho, poz em alvoroço essa vasta legião de portuguezes exilados da patria e fez ranger os prelos de mais de uma nação estrangeira. A Inglaterra, a França e a Hespanha sensationaram-se com esses successos, mudando por isso de rumo quanto á causa da legitimidade em Portugal. De esses movimentos revolucionarios, que se cruzavam entre tres nações, foi que nasceu o seu importantissimo livro *Portugal na balança da Europa*, a que já nos referimos atraz, e que n'esta occasião appareceu. Garrett encarou silencioso e resolute esses horisontes inflammados das tres nações e com especialidade as absurdas colligações da França, e, subindo aos pincares do seu alevantado Sinay, como se exprime o seu mais apai-

xonado biographo, derramou os olhos fulminantes sobre esses campos tempestuosos, como os volveria o triste orphão vendo-se desherdado, repellido e expulso dos seus dominios, por tutores desalmados; e depois de conhecer a area onde se urdiam tantas traições e ambições desceu ao gabinete de escriptor, e começou a meditar. Pouzando então, no silencio mais perpetuo, o braço vigoroso sobre alguns quartos de papel, empunhou uma palleta de aço fino e deu principio a um grandioso espelho, onde presentes e vindouros tivessem a historia dos trabalhos mysteriosos, com que os *grandes homens* do seculo, pretendiam calcar a bandeira da santa liberdade e hastear em seu logar brilhante, a do falaz despotismo, cravejada de grilhões para apertar os pulsos aos desgraçados povos da Europa. Como bem se deprehende do que acima dissémos, o livro já estava escripto. Erám os artigos que sahiram no

*Popular.* Fazendo-os, portanto divergir para o assumpto em questão, dando lhes forma e grandeza, ampliando-os, em fim, e tornando-os de esta arte tão valiosos e tão importantes, Garrett publicou uma obra em que apparece tão vivo e grandioso o espirito de um alto estadista como no *Camões* palpita o coração de um soberbo poeta.

Chegado, pois a França, ahi por volta de 1831, logo que o grito de alarme se fez ouvir entre os seus companheiros, alistou-se o escriptor como soldado voluntario do batalhão de caçadores, todo formado de exilados portuguezes, e com esse batalhão, que partiu de Belle-Isle para a Ilha Terceira a bordo da corveta *Juno*, deu entrada n'esse santo torrão onde estivera em creança e onde ainda tinha toda a sua familia. Ao cabo de tantos annos de ausencia e de lucta, em que a sua vida, como muito bem disse um distincto orador, se entrelaçou e confundiu com a vida se-

cular da nação, depois de tanto tempo consumido todo elle em sacrificios pela patria, soffrendo os rudes tranzes do exilio, a amargura em terras estrangeiras, a nostalgia a miseria, os maiores contratempos, achava-se finalmente, felizmente, como recompensa de tanto martyrio, nos braços carinhosos de pae e mãe, no seio do doce ninho de onde havia voado. Tambem com elle tinha a patria soffrido e não soffreu ella mais do que elle. Ambos provaram as mesmas perseguições, eguaes vicissitudes, os mesmissimos trabalhos em prol da liberdade que a vida de Garrett tão de alto synthetisa.

A liberdade, como elle a entendia e com elle os restantes liberaes, que assim a implantaram em fim, contra a dementada ambição de um rei absoluto, era o elemento vital da reivindicação dos povos.

Alma livre no seu franco pensar, no seu immenso sentir, e no seu nobre proceder.

Assim a tinha Deus decretado, e o Filho, feito homem, não podia deixar de prégar-lhe a excellencia, que soando docemente em todos os escaninhos da alma portuguezaahi foi despertar o amor do heroismo. Por essa razão, em 1820, um punhado de heroes se alevantou de um só impeto e logo derrubou o systema absoluto.

Debil ainda então a liberdade, por que fora implantada muito superficialmente, por que só tinha a appoial-a os exforços sinceros, e muito embora vigorosos, de meia duzia de bons patriotas, não pôde ella por isso resistir ao tufão das conveniencias absolutistas. De esse tufão foi D. Miguel o principal impulsor. Que admira, portanto, que a liberdade cahisse? Tinha de cahir. Mas ella não morreu nem cahiupara sempre, por que a idéa, tal como a electricidade, pode existir latente, mas não se extingue nunca.

Não se extinguiu.

No uso liberrimo do direito que lhe assistia como reinante, D. Pedro, por fallecimento de D. João VI, que o havia declarado seu legitimo successor, outorgou aos portuguezes a Carta Constitucional, nomeando regente do reino o infante D. Miguel, que em Vienna d'Austria jurou ser fiel áquella mesma carta. Tal juramento foi corroborado pelo infante quando chegou a Lisboa, e como regente segunda vez jurou observar e manter a constituição. Já dissemos isto. Embora. Não é de mais repetil-o. D. Miguel fementindo, porem, impudicamente, desvergonhadamente, as promessas que fizera de sua livre vontade, e quebrantando aleivosamente, traiçoeiramente, os juramentos que prestára com solemnidade, repellindo sem pejo a moral e a religião e desdenhando os deveres humanos e as prescripções divinas, acclamou-se rei absoluto e tornou-se, já se vê, despótico, tyrannico e odioso.

N'estas dolorosas circumstancias um novo esforço grandemente patriotico se alevantou então para arrancar ao governo do paiz as vestes luctuosas, ignominiosas do absolutismo, e acto continuo envergar-lhe as candidas roupagens da risonha liberdade. Todavia, se as intrigas internas e as conveniencias estrangeiras obstaram a que vingassem estes nobres e novos esforços, não deixaram esses mesmos esforços de produzir no governo um não pequeno choque politico. O absolutismo irritou-se então, e o nefario governo que presidia aos destinos da patria, alastrou todo o reino de calamidades. Nas praças publicas ergueram-se instrumentos de sangue e de morte. As masmorras insalubres encheram-se de victimas de tamanha vingança.

Até para o exilio, para as adustas paragens da Africa, foram desterradas dezenas de portuguezes pelo crime de muito quererem á patria !

Não houve cidade nem villa, nem aldeia, onde a furia de tal tyrannia não se fizesse sentir. De toda a parte se arrancavam victimas, para as immolarem no lobrego altar do cruel despotismo.

Quatro annos pavorosos assim se passaram, e durante este tempo, que representou quatro seculos de oppressão e de horror, o despotico governo de D. Miguel cada vez recrudescia mais nos seus actos de atroz malvadez.

Tal estado afflictivo da patria sentiam-no dolorosamente, irmãmente, como bons portuguezes que eram, e pelo sentimento da propria desgraça lá longe de Portugal, todos os exilados, cujas grandes cancelleiras tinham por fito libertar o paiz.

Foi assim que Garrett veio, pois, a encontrar-se nos braços carinhosos de pae e mãe, no seio do dôce ninho de onde havia voado. Lá estava tambem seu tio Alexandre, o bondoso e intelligente prelado, que tanto pensára em poupar-o a seme-



lhantes baldões do mundo. Lá estava elle, o seu primeiro perceptor, o seu primeiro guia no caminho das lettras, o seu educador, como elle lhe chamava. Mais velho, muito mais alquebrado, com mais quatorze annos a pezarem-lhe a idade, era-lhe, todavia, o mesmíssimo amigo, o mesmo coração, a mesma intelligencia.

Que de recordações e delicias! Seria possível tamanha felicidade? Não.

Mousinho da Silveira, prevendo com optimos fundamentos que Garrett lhe poderia prestar relevantes serviços na estratégia do cerco, como de facto lhe prestou, batendo-se heroicamente, denodadamente, ao mesmo tempo que era quasi que o elemento dirigente junto do seu chefe militar e politico, requisitou-o por isso para seu auxiliar, e lá seguiu elle para a ilha de S. Miguel. A ordem de marcha que lhe foi conferida pela brigada de artilharia de montanha, diz que «embarça

para a Ilha de S. Miguel, para alli se apresentar ao ex.<sup>mo</sup> ministro da justiça, o voluntario academico o ill.<sup>mo</sup> sr. João Baptista Garrett».

O batalhão de caçadores que em Belle Isle se havia organisado e no qual elle se tinha alistado, fora dissolvido por exigencias de organisação do exercito liberal.

Garrett estava então alistado no batalhão de voluntarios academicos. Fraco soldado disse elle que o fora, n'uma das sessões da camara dos pares em 1854, mas não obstante, tinha ido com os outros até onde era obrigação ir. Foi effectivamente com praça de simples soldado, para nos servirmos das suas proprias palavras, que o poeta sahiu de Paris a fim de tomar parte n'aquella expedição em que D. Pedro, obrigado a abdicar pela insurreição que a 7 de abril de 1831 se alevantou no Rio de Janeiro, tomou a resolução de bem defender a causa de sua filha. N'essa expedição, assim organisada pelo

grande numero de emigrados portuguezes, foi que Garrett chegou aos Açores em 1832.

Constava o uniforme do seu batalhão de uma farda azul comprida com peito branco, calças vermelhas, capote e barretina. Fosse, porém, pelo facto de uma alcunha picaresca que haviam posto aos das calças vermelhas, ou fosse pelo que fosse, o certo é que Almeida Garrett embirrava solemnemente com tal uniforme, chegando a escrever que muito acima das suas forças estava o servir a patria em trajos de palhaço.

Não vá, porém, inferir-se de aqui que isto affrouxasse de alguma maneira o entusiastico patriotismo de aquelle punhado de heróicos portuguezes. Pelo contrario. Em cada um de elles, prompto a arrosar com todos os revezes e com os maiores sacrificios para fundar a liberdade na sua querida patria, reinava mais que nunca, n'aquelle momento, o ardente desejo de dis-

putar cada palmo de terra á custa de todo o seu sangue; e o proprio Garrett, pela sua parte, intimamente, sinceramente, assim o declarou em uma carta particular. Diz elle:

«D. Pedro vae a Portugal á testa da expedição, e eu estou deliberado a não ser dos que ficam no quartel da saude. Nunca tive, certo, a balda de valentão, mas agora, sem a minima fanfarronada, prefiro muito e muito antes morrer de uma bala do que estar mais tempo emigrado».

Effectivamente.

Dois mezes depois, praticados no archipelago dos Açores aquelles assombrosos feitos de armas em prol da conquista e defeza das ilhas, sahio de S. Miguel em demanda das praias do seu saudoso Portugal, todo o exercito libertador, que sete mil e quinhentos bravos compunham, sob o commando de D. Pedro, e que a 8 de

julho de 1832 fez o seu desembarque no sitio do Mindêlo. Foi n'esta retirada de S. Miguel que se deu o tal caso lastimavel para as lettras portuguezas e um tanto doloroso para Garrett, do extravio ou antes da perda irreparavel e completa de alguns poemas ineditos do poeta produzidos n'essa segunda emigração. Garrett, com os seus camaradas, desembarcou no Mindelo de espingarda ao hombro e mochila ás costas, e como simples soldado que era, nada mais pôde trazer por bagagem. De sorte que todos os seus papeis, os seus versos, as suas producções trabalhadas no exilio, tudo isso se perdeu afinal e nunca mais houve noticia de tal.

Entretanto, transportado á metropole o poeta-soldado, devotado e inspirado Tyrteu das phalanges liberaes, prestava serviços não menos relevantes na acção patriotica do cerco do Porto. Assim como na Terceira teve feitos de heroismo, e redigiu com o seu bello estylo as

leis formidaveis de Mousinho da Silveira; no Porto, que pela terceira vez veio então a arcar ainda com o despotismo, que cingiu a cidade de canhões e a encheu de metralha, obrigando-a de tal arte, perto de um anno, a fazer face á guerra mais cruel, á fome mais desenvolvida e á peste mais assoladora, depois de praticar eguaes feitos ao lado de Alexandre Herculano, seu irmão de armas n'estes grandes dias de bello sacrificio, entrou no serviço de secretaria, procedendo por encargo do imperador á reorganisação da ordem da Torre e Espada. Tal como no cerco da Terceira, em que ao mesmo tempo que redigia os decretos ministeriaes não descansava de igualmente trabalhar em proveito da litteratura portugueza, tambem no Porto escreveu elle esse livro, esse romance tão bem delineado, incisivo e satyrico, de uma satyra finissima, que mal se percebe, e a qual iniciou entre nós o processo de avoca-

mento do passado por meio de novella historica.

Referimo-nos ao *Arco de Sant'Anna*.

Colhido de uma tradição conservada na «Chronica de D. Pedro I», de Fernão Lopes, e ornado de um enredo palpitante de interesse, pinta esse livro fielmente, historicamente, a lucta renhida entre os preconceitos aristocraticos e as justas aspirações do povo.

A liberdade, cercada no Porto por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome e ameaçada pelo saque, sem que um só liberal poupasse o seu sangue no almejado desejo de a converter em um direito, tinha então já levado de vencida o feroz despotismo, deixando-o moribundo na batalha da Asseiceira e fazendo-o expirar finalmente em Evora-Monte, no dia 27 de maio de 1834. No *Arco de Sant'Anna*, porém, não estão colligidas nenhuma das sublimes tradições épicas que tanto

enalteceram as façanhas de esse cerco. O livro, ao invéz de relatar os mil rasgos de validez moral que alli se praticaram, tão sómente satyrisa, verdade seja que finissimamente, de uma nova maneira então, os maus sacerdotes e outras figuras e corporações por quem o escriptor fora tão perseguido.

De volta da emigração, foi assim que Garrett, com Alexandre Herculano, implantaram a nova escola litteraria. O seu plano não podia ser melhor, pois já tinha por fim estabelecer uma certa relação entre o escriptor e o povo. Isto foi por diante. Mas o *Arco de Sant'Anna*, como observa Camillo, tem tonalidades ridentes que eram n'aquelles bons annos, milagres de espirito — um prato da culinaria de Watel offerecido ao paladar enfarado de esta nossa gente sevada na cabeça de porco e feijão dos arcades e dos academicos.

Quanto á face historica do romance, tem ella que ver com aquelle



luxurioso bispo do Porto, D. Egidio chamado, que teve artes de seduzir a filha de Abrahão Zaccuto. A pobre creatura, mãe do filho do prelado, viu-se obrigada pela vergonha a disfarçar-se em taberneira, e foi appellada pelo povo a *bruxa de Gaia*. D. Pedro I, sabedor de este caso e de outros identicos, todos praticados pelo mesmo prelado, arrancou D. Egidio do seu ministerio e rechaçou-o do reino.

Querem alguns que isto seja uma lenda, não sei se para honra do convento, se para que.

Camillo tambem o contesta, e a critica, quando o livro appareceu no seu primeiro volume, egualmente o classificou de extrema ficção. O proprio Garrett diz que lhe chamaram visionario. Hoje, pelas novas theorias, chamar-lhe-iam doido, não sómente por que Lombroso vê casos de loucura entre todos os grandes homens, mas ainda por que, no dizer de um nosso psychiatra, os loucos não são só os que vivem nos

manicomios. D. Pedro I, por exemplo, o proprio D. Pedro que arrancou D. Egidio do seu ministerio e o rechaçou do reino, era um grande doido. Tartamudo, commettendo os mais horrorosos crimes sob o pretexto de justiça, atacado de insomnias e vindo cantar para a rua, alta noite, com o povo, á luz de archotes, mandando enforçar o marido de Maria Roussada, porque o desgraçado deshonorára primeiro a que depois fez sua mulher, tudo isto, são caracteristicos da mais assignalada loucura.

O que vale é que no tocante á influencia da loucura dos grandes homens, considerados, pois, muito contra a opinião de Henry Joly, com a tara da alienação, os psychiatras a apresentam como verdadeiramente assignalada na marcha do progresso. A acção dos sabios, dos litteratos e dos artistas, n'uma palavra, dos intellectuaes, representa, portanto, o lado bom das loucuras. Antes assim. Por isso

Garrett, com a sua tara ou não de alienação, dominou poderosamente, gloriosamente a renascença litteraria, pondo o romance e todas as outras formas de arte a acompanharem a marcha geral dos espiritos na civilisação europeia. Chamavam-lhe, porém, visionario!

Visionario, por que, como disse um elegante orador, havia na sua alma a alma de Pindaro, no seu cerebro, o cerebro de Shakspeare, na sua palavra, a palavra de Cicero.

No que ainda não attenta essa gente por ahi é que n'uma epoca tão esmaltada de genios como aquella em que elle viveu, Garrett foi unico, original, inimitavel. Hoje em dia já assim não succede. Algumas vezes por culpa dos criticos, como muito bem o provou Tolstoi, outras vezes, e estas são a maioria, por servil imitação, á mingua de talento. Cada litterato que desponta procura approximar-se tanto quanto possivel de um outro de nome. De este modo todas as obras que tal gente

produz são obras rachiticas, sem verdade, sem alma, falsificações completas da arte.

Na poezia do ultimo periodo do seculo passado, como dois meteoros que foram, como dois luminosos espiritos, cujos lampejos, que grandemente se admiram mas que não se reproduzem, deixaram no alto ceu azulino da arte um rasto luminoso da sua passagem, ainda ahi prepassaram duas individualidades sobremodo excepcionaes, no fundo romanticas e liricas e subjectivas,

Essas duas individualidades, esses dois semideuses de Weimar, esses dois homens, esses dois doentes, para irmos de mãos dadas com a psychologia, chamaram se Baudelaire e Anthero do Quental. Ambos soberbamente extravagantes no talento e no genio, por que as suas naturezas complexamente bem dotadas, eram como que promiscuidades labyrinthicas de causas de toda a ordem, ambos viveram como por ultimo morreram:

martyres obscuros da tristeza sem causa, inteiramente chimerica, que é a dor do pensamento, a dor mais aguda e mais dura de passar, quando passa, e de que tanto soffreram Leopardi, Flaubert, Schopenhauer e o nosso Camillo.

N'essa louca tristeza, tenebrosa e imponente, que a todos os motivos de alegria resiste e todos os momentos de felicidade sombreia, cegos sublimes, para quem nunca o mundo visivel existiu como elle é, por uma hora apenas, por que tinham a alma toda ella cerrada a exuberancias de riso, a opulencias de gala, e sómente tocavam o sentimento angustioso, tempestuoso, ambos saíram do mundo pela porta do suicidio. O primeiro mediante o absintho, o segundo com um tiro de revólver.

Para elles era nada esta vida, nada este mundo, nada a existencia. Com o espirito na obsessão do Nirwana, naufragando n'um pessimismo cruel, viam sempre diante

de si o esqueleto da pagina de Goya traçando na terra a legenda maldita — «Nada».

Foi diante de este «Nada», transformado, portanto, em seu unico ideal, que ambos elles em extasi cahiram, por que tinham acabado com todos os ideaes. De esta arte cantou, pois, Baudelaire a *Carcaça putrida* e Authero do Quental a *Fada Negra*.

Diz o primeiro:

Moi, mon âme est fêlée,  
Et lorsqu'en ses ennuis,  
Elle veut de ses chants peupler  
L'air froid des nuits,  
Il arrive souvent  
Que sa voix affaiblie.

Semble le râle epais  
D'un blessé qu'on oublie  
Au bord d'un lac de sang,  
Sous un grand tas de morts  
Et qui meurt, sans bouger,  
Dans d'immens efforts.

## Falla o segundo:

E volvendo em redor olhos absortos,  
O mundo pareceu-me uma visão,  
Um grande mar de nevoa, d'illusão,  
E a luz do sol como um luar de mortos.

Assim empolgados pelo tédio da vida, tomados sómente pela sua desolação interior em que o dobre mortuario era o unico movimento, o unico ruido, cryptas errantes de cadaveres de illusões e de crenças, e com a consciencia dentro de elles a velar como uma alampada n'um campo de mortos, contrapozeram á poezia da crença e da vida a poezia da morte e da desesperança.

Eram uns excentricos. Ninguem os intendia.

Liam-nos, tornavam-nos a ler, e como não os seguiam nós seus vôos alterosos, á mingua de alcançe para irem onde elles iam, apenas se limitavam a lê-los, por isso mesmo que os não entendiam:

Dando-se, porém, o caso de pouco depois de elles mortos entrar

a sciencia a estudal-os fundamente no que foram em vida, denominando essa mesma sciencia doença da alma, neurasthenia e outras cousas que taes, a tristeza e desalento de Baudelaire e de Anthero, logo uma sucia de moços paraltas, que na prosa da vida são uns pandegos de marca e nos versos dos seus livros uns maçudos gementes, quiz por força ser doente da alma, quiz ser neurasthenica, baudelaireana, anthereana...

Como a epoca vae toda de macaquice simploria, a mania tomou incremento e armou desde logo em moda. De sorte, que para onde quer que a gente se volte, não ouve se não poetas a lamuriarem-se, a falarem-nos de morte por dá cá aquella palha, a pespegarem-nos injeccões hypodermicas de sonetos de camara ardente, de estrophes de sineta de cemiterio.

E se fosse só isto e se isto não fosse fingido, a litteratura portugueza, na pessoa dos seus novos



poetas, seria uma creche, ainda que mal comparada, ou uma roda de engeitados então, cada qual para seu lado a berrar, este por um dente lhe doer, aquelle por se tomar de uma birra, aquelloutro por ter levado um carôlo. Como, porém, ha o espirito de armar ao effeito, de burlar os incautos, de impingir as taes correntes de latão por cordões de ouro de lei, com a marca do contraste, não passam esses poetas chorões, esses poetas tumultares, esses poetas sinistros em tudo, de uma corja de mendigos de feira, que para poderem dar nas vistas, para prenderem a attenção da populaça que vae e que vem, expõem abertamente, porcamente, sem sinceridade, sem respeito por cousa nenhuma, a nojencia dos seus corpos cobertos de manchas, mordidos de lepra, cheios de chagas esverdeadas e asquerosas, escorrentes de puz, de immundicia cercadas.

A isto chegámos!

Simulando-se a dor, fingindo-se a tristeza, macaqueando-se o que ha de mais santo, mas indo-se afinal de essa fórma na corrente, na moda, no luxo, tudo geme por ahi desbragadamente, funebremente, sem querer lá saber se ás corujas taciturnas que piam de noite, se succedem os rouxinoes a cantar de manhã,

Gemem os prelos, geme a grammatica, geme o senso commun, mas no alto entender dos nossos bardos de agora, na douta opinião dos vendilhões do Templo, é assim que se segue, como elles pretendem, é assim que se vae, como é esse o fim de elles, no rasto luminoso de Baudelaire ou de Anthero.

Patetas !

Homens como Anthero ou Baudelaire, vultos gigantescos como os vultos de esses dois, e acima de elles Almeida Garrett, passam solitarios, isolados, sosinhos, na ecliptica da arte, da vida, de tudo, por

que são excepçionaes e não se podem imitar.

Todos esses que teem o sextro maldito de tudo arremedar e que se dizem elles proprios, com o maximo desplante, continuadores do factor prodigioso das *Flores do Mal*, livro tão encarecido por Theophilo Gautier, ou do grande dos grandes *Sonetos*, livro tão extraordinario que nem os livros de Dierx se lhe podem egualar, não passam de uns cabotinos irresponsaveis, que estragam quanto tocam, que profanam a arte.

A arte para elles e por culpa de elles proprios não é uma cousa clara e precisamente definida. Pelo contrario. E' o que ha de mais vago e incerto. Nem elles se entendem. Por isso de essa lôrpa illusão com que julgam ir na esteira de qualquer grande poeta ou prosador, resulta, nada mais, nada menos, que não serem ninguem litterariamente, por isso mesmo que n'um grande desamor pela propria per-

sonalidade, não sentem o que escrevem nem escrevem por que sintam.

Aquillo é uma cousa para alli. Sentimentos postiços, apanhados a gancho, que traduzem por versos ridiculos. Bem se vê que não sabem que é um grande mysterio a lei que rege a alma nas manifestações poeticas. E, como o não sabem, como chega até ahi a sua grande ignorancia, unica grandeza de que dão bastas provas, todos se desunham em imprecações e satanismos palermas, queixando-se da vida, queixando-se do mundo, queixando-se de tudo, até das ingratas que lhes passam o pé, que os mandam para o diabo mais ás suas imprecações, mais aos seus satanismos, por que não estão para aturar impostores, por que com tolos nem para o ceu querem ir.

Livros para destruir, que não para engrandecer ou para edificar, quer socialmente, quer artisticamente, são, pois, os volumes que

tal gente dá á luz, todos feitos de pessimismo furtado aos direitos, de frangalhos de crepe sem lustre, falsificado, virado do avêso. Tudo n'elles é negro como aquelle tal régulo das sete mulheres, tudo n'elles é funebre e sinistro; mas de um funebre e sinistro de melodrama pacovio, que cheira que trezanda a enterro de bacalhau.

Faz isto com que, lido um só de elles, estejam lidos quasi todos os outros. E' a mesma cantilena, os mesmíssimos queixumes, identicos regougos de *De profundis* ás aranhas. Todos elles de tudo se queixam, de tudo dizem mal, de tudo são victimas, coitados, até da mulher como mãe e amada, até de quem lhes deu a existencia, até do que é santo e deve ser respeitado!

De ahí vem que muitas vezes a gente, julgando que está a ler um volume de estrophes, se surprehende a observar o boletim sanitario, não direi de um idiota, mas sim de um enfermo de outro

genero, que já desesperou da cura, e todo se contorce gymnasticamente, barbaramente, em arrancos de cabello e gritos descompostos.

São estes uns taes que escrevem certos termos com letras maiusculas, o que, na opinião auctorisada do sabio alienista dr. Julio de Mattos, é um dos caracteristicos da idiotia. Pois esses idiotas, repetindo os seus muitos queixumes e os seus satanismos em todos os seus livros, em todas as suas paginas, em todos os seus versos, dão de esse modo uma nota constante, e, em arte, uma nota constante não é verdadeira, é um beijo de Judas.

Na senda tortuosa de essa escola, se é escola, em que não ha concepções naturalmente sentidas, emovedoras, comprehensíveis, nem metros robustos, nem nada de bom, e que não vae por essa mesma razão na esteira luminosa do bem, da verdade, da arte, não vêem elles que bom seria recuar para entrarem no caminho verdadeiro.

Só o lorpa por excellencia, que não sabe de onde vem nem sequer para onde vac, poderá crer que caminhar sempre em frente, seja elle para o bom, seja elle para o mau, corresponda a avançar e progredir. Progresso não é só ir avante. E' tambem retroceder no caminho errado para entrar no caminho que deve ser.

Garrett tambem retrocedeu, o que equivale a dizer que seguiu, avançou, renegando no *Dona Branca* os aureos numes de Ascreu. O filintismo e o elmanismo, essas duas influencias que no fim do seculo XVIII predominaram na poesia portugueza, chegaram a prolongar-se até ao primeiro quartel do seculo XIX, quando o romantismo já tinha dado as suas primeiras avançadas. Por isso então, como hoje, todos que faziam versos se imaginavam poetas. Debatiam-se, porém, as duas escolas. Uma de coração arrefecido pelos annos, sentimento exausto pelo uso e pensamento

amollecido e desfeito pela pezada bigorna dos preceitos aristotelicos.

À outra, filha genuina do novo coração, da propria natureza e do pensar desaffrontado e livre dos homens de 1820. No entanto, ainda havia gente nova que, calcando a sua metrificação sobre as tautologias do velho classicismo, ia de boamente com os seus acrosticos e as odes e os vinte e quatro cantos epicos da mocidade de Fylinto e Bocage !

Como observa o sr. Theophilo Braga, se não fosse a emigração forçada dos partidarios do regimen constitucional, a litteratura portugueza não sairia de esse sulco. Garrett, emigrando, assistiu de perto á profunda transformação por que estavam passando as litteraturas europeias. E porque emigrou comprehendeu o romantismo. Outros, que ficaram, esterelisaram-se em traducções do latim. Garrett inspirou-se da tradição antiga e da aspiração moderna da naciona-



lidade. Outros o mais que fizeram foi entrincheirar-se na erudição dos classicos. Ora, a arte não é uma scienciã, ainda que entre a sciencia e a arte exista uma tal relação como a que se dá com o coração e os pulmões. Se um de estes se affecta não póde o coração funcionar regularmente. E' a theoria de Tolstoi. A verdadeira sciencia ensina ao homem os mais importantes conhecimentos para elle se dirigir na vida. A arte leva esses conhecimentos do dominio da razão ao dominio do sentimento. Se não for bom o caminho seguido pela sciencia, mau será pois o caminho tomado pela arte. Arte e sciencia são, portanto, como dois barcos que vão rio acima, um apoz outro, por meio de reboque. Se o da frente tomar uma falsa direcção, tambem o de traz a tomará fatalmente.

Ora, Almeida Garrett nos primeiros annos da sua vida litteraria seguiu a corrente predominante

no paiz. Escrevera tragedias. Voltando, porém, á patria com o exercito libertador trazia elle um novo ideal, e as suas aspirações artisticas achavam-se influenciadas pelo movimento romantico. Retrocedera, portanto, e assim avançara, seguira.

Genio brilhante e extraordinario, de esses que não se podem jamais imitar, soube, pois, imprimir essa nobre direcção á litteratura portugueza, matizando-lhe a lingua de flores singelissimas, enriquecendo-a com a architectura composita do estylo, finalmente, dando-lhe ainda essa voluptuosidade tepida e como que indolente, que attrae sem exaltação e aquece sem incendiar.

Com essa singeleza de contes-tura, estylo vivissimo e linguagem tão pura, escreveu elle o delicioso romance *Helena*, levado pela doce e risonha paixão do tradicionalismo nacional. *Helena* é um quadro lindissimo, soberbo, até apesar de incompleto, e cheio de um largo

estudo de philosophia. Ha, porém, uma philosophia, violenta e inconsequente, que chega a suffocar e a corromper os germens do talento. Não é essa a philosophia do livro, que essa anda sempre de mãos dadas com o mau gosto, que aniquila os principios mais sãos, e com a facilidade de tudo admirar e de tudo achar grande. Sem essa perversão, portanto, esboçou o escriptor no *Helena* um quadro nacional, cujo assumpto não é dos mais vulgares ainda hoje na nossa litteratura. Por isso o livro, que é posthumo, foi muito applaudido então. Não era, porém, Garrett de esses auctores a quem embriaga a mais pequena ovação. Nenhum homem de gosto, nenhum escriptor de talento e de genio, nenhum artista, em fim, se desnorteia com os applausos do publico. Por isso mesmo que tem gosto, genio e talento elle vê sempre as cousas como ellas devem ser vistas: pelas suas causas duradouras e reaes, e

nunca pelos seus resultados ephemeros e falsos. Todos nós sabemos que ha muita borundanga, muito gato por lebre, muitissima bodega afinal, que, não obstante, faz as delicias de certos estomagos relaxados.

Assim sempre, n'esta mesmissima linha, deu elle á estampa, por meio de publicação em folhetins, essas paginas humoristicas e bellas, de um sabor a ballada e ironia, mixto de ternura e de graça, que não encontram parceiras na lingua portugueza e que elle baptisou com o titulo suggestivo e harmonico de *Viagens na minha terra*.

Nenhuma outra nação, como a nossa, abunda tanto em assumptos nacionaes. Disse bem o escriptor. A historia de esta patria tão nossa e tão caracteristica é indisputavelmente a mais rica de todas e a mais fecunda em objectos de poezia. Os costumes dos portuguezes, as suas tradições e caracter não deixam de concorrer sobremodo para

isso. Depois, a topographia de Portugal, os quadros sublimes que ali offerece a natureza, a magia do seu colorido, o animado das suas producções, o risonho dos seus campos brincados pelos rios que os serpeam, pelos montes que os empollam, offerecendo-nos além um rochedo isolado, acolá uma gruta silenciosa, mais longe uma grande montanha, alli uma catadupa que se despenha com estampido, um ribeiro que deslisa sereno, campinas enormes de um tapiz seductor, logares emovedores de uma doce melancolia sob um ceu sempre bello e benigno, tudo isto, que é tão susceptivel de despertar as mais nobres impressões, de incender o sentimento, de vibrar o enthusiasmo, tudo isso ali está, n'esse livro das *Viagens na minha terra* magistralmente escripto, superiormente tratado.

Alcançado, porém, o triumpho da causa da constituição, Garrett, como premio dos seus feitos valo-

rosos e como recompensa dos seus altos serviços e grandes sacrificios prestados á patria, foi então nomeado para o lugar de Encarregado de Negocios de Portugal na Belgica. Semelhante nomeação, ao invéz de lhe ser agradavel e de elle a encarar como premio e recompensa de tantos sacrificios, desconsolou-o altamente, fortemente, e tomou-a como mais um sacrificio. Era uma nova expatriação, e as expatriações, as ausencias do seu querido paiz, custavam-lhe amarguras horrorosas, lagrimas de sangue, nostalgias sem fim.

Isto foi em 1834. Dois annos antes, ainda elle tinha ido a Londres como secretario da missão extraordinaria incumbida ao duque de Palmella, Marquez do Funchal e Conselheiro Luiz Mousinho de Albuquerque. Não obstante, acceitou essa nova nomeação de nosso encarregado na côrte de Bruxellas, e para a Belgica partiu sabe Deus com que custo, demorando-se, po-

rém, pouco tempo por lá. Couse de dois annos, se tanto. Todavia, n'esse praso de tempo, tão curto, tão breve, tão rapido como um sonho de gloria, grande alteração se operara no seu espirito de grandioso poeta.

Garrett regressava da Belgica muito outro do que para lá tinha ido. Já não era o poeta guiado até então parcamente, simplesmente pelo instincto. Era agora o artista em toda a extensão da palavra, consciente de emoção sublime e intuitivo de verdadeira expressão. O admirador devotado de Filinto que, por essa admiração, deveu ao estudo da estructura riquissima e sempre nova dos seus versos o grande segredo de belleza do verso solto do poema *Camões*, vinha influenciado pelas obras de Goethe, ainda seu contemporaneo, e essa influencia, que poucos notaram, por que não era uma assimilação mas um resultado de estudos profundos, confessou-a e provou-a elle

proprio erguendo-se desde então muito alem dos demais pela sua consciencia critica. Quer isto dizer, afinal, que o seu modo de idealisação equalara-se por transformação, ao do auctor glorioso do *Werther* e do *Fausto*. Repetimos, portanto, o que deixamos expendido. Não se transformára de tal arte Garrett por simples espirito de imitação. De modo nenhum. Aquella mudança operara-se n'elle, como se operara em Alexandre Herculanô: lendo e estudando com muito proveito essas obras de um artistico soberbo, as quaes lhe revelaram o segredo da arte, e o tornaram, por isso, um artista consciente, completo, acabado, como todo o artista afinal.

Por essa razão, desde 1836, que foi quando voltou da Belgica, para não mais se ausentar da patria, ha nas suas obras, immerredouras obras de arte, sempre actuaes, sempre eguaes ás maiores que vierem, um intuito philosophico e



critico. Os reflexos, que n'ellas se vislumbra, esses pallidos reflexos dos artistas estrangeiros que o poeta estudou, não podiam deixar de ahi apparecer. Os mais originaes talentos teem sempre alguma cousa emprestada uns dos outros. E' que essa mesma originalidade está no mesmo caso do lume do cigarro entre aquelles que fumam.

Um homem, não tendo phosphoros comsigo, para accender o cigarro, e vendo perto de si um outro a fumar, accende o cigarro no de esse, e de ahi a pedaço ou no mesmo momento, se calhar, dá lume a um terceiro fumador. Ora, esse lume tanto é do primeiro, como do segundo, como do terceiro. E' de todos. No entanto, nas obras de Garrett, pelo que respeita á essencia, á inspiração, á arte, offuscando esses taes reflexos, despedindo clarões aureaes, lá está accentuadamente, caracteristicamente, o sabor pronunciado da nossa nacionalidade.

E outra vez, novamente, melhormente de esta vez, sob o ceu carinhoso da patria, para a qual se abrira tambem uma epoca melhor, entregou-se o poeta á litteratura e á politica, mas mais á litteratura, muito mais, que assim o mostrou e sustentou fundando desde logo a *Chronica*.

A *Chronica* era uma folha litteraria.

Foi n'ella, então, que Garrett inaugurou, entre nós, o genero da critica theatral, mas critica espirituosa e fina, bem trabalhada, bem exposta e profunda, na que revelou a traços largos e vivos os mais levantados criterios artisticos. A arte não é nem um culto da belleza, nem um prazer, nem tão pouco um entreten. E' uma cousa muito superior. Este tolstoismo, que afinal não é novidade, já Garrett o havia entendido. Nem mais. Nós, para definirmos a arte com a devida precisão, é mistér que de ella abstraçamos toda a idéa de prazer, para a con-

siderarmos sómente como uma das condições da vida do homem. Assim considerada, resulta de ahi que a arte é um dos meios de communição entre o genero humano. Toda a obra de arte põe em contacto o publico com o auctor. Tambem a palavra, por meio da qual transmittem os homens o seu pensamento, é um traço de união entre elles. Vê-se, pois, que a palavra e a arte attingem ambas o mesmissimo fim, quanto a estabelecer entre os homens uma certa relação. O que destingue, porém, uma da outra é que a palavra interpreta sómente o que pensamos, ao passo que a arte transmite sentimentos e emoções.

Os sentimentos que o artista desperta no publico podem ser de differentes especies. Podem ser fortes ou fracos, importantes ou insignificantes, bons ou maus. Podem elles ser de patriotismo, de resignação, de piedade, assim representados por intermedio do dra-

ma, da novella, da pintura, da paisagem, da fabula. Toda a obra que de este modo os communica, claro está que é uma obra de arte, por que outro não é o fim de esta se não o de evocar em si propria qualquer sentimento por si experimentado para o communica por meio de traços, de côres, de sons e de imagens verbaes.

Fallemos agora da critica.

A critica, não como ella actualmente se exhibe por ahi, mas como ella deve ser e já foi, desempenha no campo das lettras a mais proveitosa e util missão. Ella é a apreciação conscienciosa do bom e do mau, e só os talentos mediocres e as glorias usurpadas se revoltam e vão contra ella.

Todo aquelle que publica uma obra tem de reconhecer em cada um que o lê e aprecia uma opinião, quando não um juizo. Por que para se ser critico, para se dizer de um trabalho litterario ou artistico não é preciso possuir aptidões para

produzir o trabalho que se critica. Basta ser publico, mas publico sensato e illustrado, de certo. Note-se, porém, que isto que vimos de expor é tão sómente para o caso que frisámos da critica correctá e conscienciosa—uma cousa que nos tempos presentes é letra morta cá no nosso paiz. O que por ahi se expañeja, o que campeia por ahi, é a má lingua e a pouca vergonha do elogio mutuo. Estas são as duas faces da critica moderna.

Se o criticado é lá da pannellinha, se pertence á irmandade, claro está que o elevam ás nuvens. Se não pertence, ou se não se associa á sobredita ascenção por processos verrumosos... era uma vez um homem. De ahi o incensarem-se livrecoos que não valem um pataco, nem dez réis em segunda mão, ao par e passo que se depreciam trabalhos muito superiores aos que são elogiados.

Nos proprios escriptores já feitos, nos mestres, que assim deve-

mos chamar-lhes, até n'esses, com honrosas excepções, a maneira de apreciar e receber os de agora, os novos, os que começam a entrar, é elogiar os que lhes fazem contumelias e são seus conhecidos, e immolar desde logo á sanha formidanda dos censores furibundos todos aquelles que não se prestam a curvaturas de espinha, nem tiveram a honra de lhes ser apresentados!

Não estão pois todos doidos. Estão todos com a consciencia no prégo, por que se houve tempo em que o critico usufruia uma pensão menos má, hoje, coitado, tem de contentar-se com um charuto, com um café ou com um calice de cognac. Vão os tempos muitissimo bicudos.

Ora, um facto que tem sua relação com o vulto de que trata esta monographia, facto recente, por que elle se deu por occasião do centenario de Garrett, vem comprovar de uma maneira muito signi-

ficativa isso que dissémos quanto á tal seita do encomio desbragado a confrades e amigos.

O caso tem historia.

Como se sabe, quando a França refugou os nephelibatas do numero das pessoas sensatas, cahiu-nos em casa essa praga maldita, mil vezes peór, muito mais deleteria, que a outra que assolou o Egypto. Foi uma miseria e uma feira da ladra em que logo redundou a litteratura portugueza.

Quasi todos os noveis, que iam sahindo muito grôlos do ovo, derivaram para alli com o juizo a arder, levados na corrente pelo auctor dos *Oaristos*, o qual finalmente lhes pregou a partida de mandar a nephelibatice para o diabo e de se apresentar como pessoa de senso, que já tinha boa idade para isso.

A' custa dos parvos se guindou este senhor, e a esses mil parvos, que tanto o guindaram, comeu elle a isca e excretou no anzol... os

seus livros de nephelibata. Parece, pois, que muito bem lhe fizeram o capacete de gêlo da boa gargalhada dos que rindo castigam, e o collête de forças da critica que ainda se preza. Assim se acabou com os restantes da hoste, por que o nephelibatismo, alli onde o viam, com aquellas suas caras rapadas de cabeça de vitella á porta do açougue e as suas fatiotas não menos exóticas, não pôde fazer escola, não pôde vingar, não pôde existir.

Repugnando-lhe, parecia, empregar a linguagem de que toda a gente de juizo faz uso, e atirando-se, por isso, como gato a bofe, a neologismo esquipaticos, lorpas, levados do demonio, sem respeito por cousa nenhuma, nem pela grammatica ao menos, em nada, portanto, poderia concorrer para o desenvolvimento das lettras portuguezas e muito menos para o estabelecimento de uma ascensão na vida do pensamento. Pelo contrario. A sua originalidade extram-



botica, a cousa mais morbida que Deus ao mundo deitou, e o seu affectado dizer, perfeita macaquice do seculo XVI, uma nevropathia litteraria de uma sucia de androginos, de bisexuados, nada mais eram que uma grande corcôva nas costas desempenadas da esthetica.

Com a farçolada de versos palermas, incomprehensíveis, muito pejados de ideas sem nexos e de feminilidades obscenas, tentando ao mesmo tempo fazer imitação da antiga maneira de escrever, mas isto com preocupações de quem antes se devera entreter fazendo colheres ou tratando de bombas, rebentaram as edições esquipaticas, mirabolantes, em papel fornecido pelas mercearias, e espalhafatosas no miolo e na casca. Do mesmo jaez que esses pandegos volumes, em que se via uma mentalidade, pobre mentalidade, naufragando n'uma hystérica desorientação de japonesimos exhibicionistas, de extravagantes renovações quinhentistas e de uma

orthographia obsoleta, vinham a ser as revistas litterarias por tal gente publicadas, e que lançadas á luz, quasi sempre ás lufadas, n'uma tôla profusão, de que logo á nas-  
cença iam de esta para melhor, mal chegavam por isso a durar a existencia das rosas de Malberbe ou a vida de cágados sem agua.

N'esta neurastenia pacovia de uma parte da ala dos novos, em que tudo dizia sandice chapada, desde o desplante de escrever substantivos communs com lettra maiuscula até ao desacato de transportar para assumptos profanos e, mais que profanos, lascivos, com o demonio na essencia, a nomenclatura lithurgica da egreja catholica, ia de foz em fora tambem uma outra nojencia que lhe andava aggregada e que ainda cá ficou de escabeche, qual é a do reclamo atrevido e pelintra — o elogio proprio e o elogio mutuo.

Não contentes com a pouca vergonha de se darem a si proprios

os encomios mais altos e rasgados, esses taes que vivem do elogio e á custa do elogio conseguem ir além da Taprobana, deram em fundar as respectivas capellinhas, as suas associações de esse mesmo socorro, a que a historia dos compadres, «n'esta terra ha apenas dois homens honrados, etc.,» assentou como primeira divisa. Assim deram e assim dão dia a dia o testemunho mais vivo e frisante da sua nullidade, da sua insignificancia, da sua impostura, mas assim se dão ares de notaveis. Ser notavel, porém, não quer só dizer que se tenha valor. A popularidade tambem se conquista mediante a sandice completa. De ahí vêem os notaveis pelo lado do talento e os notaveis pelo lado da asneira. Todos são grandes e de longe se distinguem.

Os da panellinha, pertencendo aos segundos e não tendo dentro em si a independencia e a sinceridade que dá a consciencia n'um valor affirmado até aos proprios

olhos, vão, pois, sempre atraz do elogio, quando não se elogiam a si mesmo, e assim assoprados como bexigas de porco, prepassam altivos, n'uma chocha importancia de tôlos chapados que outros tôlos admiram e louvam.

Por estas e por outras do mesmo calibre foi que a França expulsou esses taes pataratas do seu meio illustrado, correndo-os a piparote e a golpes de troça para fóra do templo da arte, de que elles queriam ser outros que taes vendilhões como aquelles que Christo enxotou. Tambem em Portugal elles ficaram de cócoras. Grandes em tudo quanto seja disparate, parlapatice, impostura, vaidade, principalmente no elogio mutuo, no elogio proprio, no reclamo pimpão, por ahi barafustam n'aquella posição, á cóca de celebridade, chegando a sua audacia e o seu grande desplante a tornarem internacional esse mesmo elogio mutuamente trocado entre todos que compõem a cáfila,

Mettendo-se de gôrra com uns obscuros lá de fóra, verdadeiros excrementos dos paizes illustrados, como França e Italia por exemplo, com esses obscuros, seus dignos confrades, litteratos de borra, se não de outra cousa, entraram com elles n'um pacto á altura. Foi assim: «apregoem-nos vocês lá nos vossos paizes como os poetas mais de alma festejados da patria de Luiz de Camões, como os criticos mais fundos do nosso paiz, como os melhores prosadores portuguezes, que nós em Portugal vos faremos o mesmo, chamando-vos as glorias das vossas nações».

De ambos os lados vae o mesmo febrão, a mesma mania, a mesma vaidade de quererem ser gente, de quererem ser grandes, finalmente, de quererem ser populares á custa do reclamo zarolho, reles, pelintra, bem proprio de quem o mendiga. Foi assim, como vêem, que se importou, de entre outros do mesmo jaez e de differentes

paizes, todos muito apregoados por certas revistas e jornaes portuguezes, mas este muito mais apregoa-do logo desde o principio do nephe-libatismo, o nome do grande poeta francez, do grande prosador francez, do grande critico francez, no dizer de taes jornaes e revistas, o nome glorioso, em fim, do sr. Louis Pilate de Brinn'Gaubast. Se a verdade manda Deus que se diga, em verdade devemos dizer que este grande poeta, este grande critico, este grande prosador, este grande desde as unhas dos pès até á extremidade dos cabellos, apresentado por isso, pelos grandes de cá, como uma celebridade, como um dos espiritos mais cultos e brilhantes da moderna França litteraria, tornou-se, com effeito, conhecido entre nós, á força de tantissimo reclamo e até de biographias que por abi lhe fizeram, acompanhadas do seu illustre retrato.

Verdadeira injectão de Brinn'Gaubast poeta, Brinn'Gaubast cri-

tico, Brinn'Gaubast prosador, tornou-se prato obrigado em quasi todas as revistas do nosso paiz, em todas as dos socios da tal panellinha, uns versinhos, pelo menos, de tão notavel personalidade, e de par com os versinhos, já se vê, o elogio da tabella da associação de soccorros ao espirito mais culto e brilhante da moderna França litteraria. N'uma de essas revistas que Deus haja, «revista internacional de litteratura e critica», chamada *Myosotis* e dirigida por um grande lá de elles, encontro o seguinte, que falla como gente: — «Representa a *Myosotis* em França o eminente Poeta dos *Sonnets Insolents*, o festejado novellista do *Fils adoptif* e estimavel luzitanographo, mr. Louis-Pilate de Brinn'Gaubast. Em Paris—rue Clauzel, 10—devem com elle ser tratados todos os assumptos, referentes á nossa revista. Da sua lavra inseriremos algo no numero dois.»

Effectivamente no numero an-

nunciado lá vem o tal algo do eminente Poeta dos *Sonnets Insolentes*, do festejado novellista do *Fils adoptif*, do estimavel luzitano-grapho, e mais este algo do director da revista: — «A *Myosotis* dá no presente fasciculo a promettida collaboração de Mr. Louis Pilate de Brinn'Gaubast, o eminente e festejado litterato francez, a quem um outro, tambem festejado já, Mr. Georges Oudinot, acaba de prestar a mais alta e significativa das homenagens na folha de Auxerre, *La Province Nouvelle*». Como este da citada revista, que pelo seu lado concorreu quanto pôde, quanto soube e deveu para elevar ao capitolio da notabilidade, aos altos carapitos da lua o nome glorioso do grande poeta francez, do grande critico francez, do grande prosador francez, apregoado até n'uma folha de Auxerre, o que não é qualquer cousa, muitos outros fizeram outro tanto, todos com a mira na retribuição.



De harmonia com o pacto celebrado, o tal pacto que é um parto escrofuloso de cerebros syphiliticos que nem Faro curará, é muito natural que o sr. de Brinn'Gaubast retribuísse por França na mesma moeda e em ignoradas revistas, é claro. Ingenuos, meio lorpas, meio presumidos, que se querem dar ares de entendidos em tudo, ainda que affectando uma parva modestia para que se julgue que sabem muito mais, muitissimo mais, que aquillo que mostram, engulliram a pilula do tal grande genio da França litteraria de este tempo, e desataram a escrever-lhe missivas, a cartear-se dia a dia com o genio, mostrando muito anchos, triumphantes, vaedosos, como cousa rarissima, assombro, excellencia, autographos do grande, que tão grande nol-o mostravam.

A gente via aquillo, todo aquelle reclamo estrondoso, em que o nome do estrangeiro em questão vinha sempre acolytado dos adjectivos os

mais encomiasticos, e andava intrigada, franqueza, franqueza, por que não conhecia o eminente poeta dos *Sonnets Insolents* e festejado novellista do *Fils adoptif*, nem o *Fils adoptif* do festejado novellista, nem os *Sonnets Insolents* do eminente poeta. Vem, porém, o *Figaro* de 16 de fevereiro do anno do Senhor de 1899, e deita por terra da seguinte maneira a lenda, a peanha, a subida grandeza do grande critico francez, do grande poeta francez, do grande prosador francez : — A' l'occasion du centenaire de la naissance d'Almeida Garrett, célébré par le Portugal avec un certain éclat la « Révue encyclopédique » publie un intéressant article d'un Portugais de talent, Mr. L. P. de Brinn'Gaubast, sur son illustre compatriote.

Ora ahi está. O genio, a celebridade, a gloria da moderna França litteraria, o sr. de Brinn'Gaubast, em fim, não é conhecido em França! Paris, onde vive, onde

mora na rua Clauzel, 10, que a gente até já sabe onde elle móra, se ainda não se mudou, Paris, que lhe foi berço, talvez, não sabe quem é esse grande poeta, esse grande critico, esse grande prosador. E o *Figaro*, julgando-o portuguez e querendo ser agradavel para com um litterato da patria de Camões, chama-lhe simplesmente, delicadamente, n'uma ligeira noticia bibliographica, um simples *portuguez de talento*.

Está dito.

Prenda tão rara como a que pozeram na berlinda, incensada por outros que taes, e que dá pelo nome de Louis Pilate de Brinn'Gaubast, deve ser nossa com toda a certeza! Ora este facto, que poderia ter graça se elle não envolvesse para as lettras portuguezas um entranhado desdouro, a mim me parece que caracteriza e define bem de alto essa roda de litteratos de cordel, que, ainda na madre, a sorverem o cordão umbelical dos

compendios escolares, já se julgam os homens da epoca.

A epoca de Garrett era, porém, muito outra. Expendia-se a critica, mas a critica sensata, a critica correcta, a critica illustrada e cavaheirosa, que não oppõe a calumnia á razão, nem tão pouco traz á baila as injurias pessoas por aggravos méramente litterarios. Cada qual, na proporção das suas forças, cooperava para um unico fim, qual era o do engrandecimento da arte e das lettras, por que da sua escola todos elles fizeram uma instituição, quasi uma religião.

Por isso, Garrett, com o mais bello resultado, levantou o lyrismo nacional e deu ao romance historico a sua verdadeira forma. Feito isto, voltou elle então as suas vistas para o theatro, sempre com o fito luminoso na obra portentosa, grandiosa da resurreição do palco portuguez. N'um afan devotado, athletico, sem limites, assim começou, pois, a lançar os alicerces de

tão nobre e alteroso monumento. Apesar, porém, de n'esta grande tarefa, n'esta empreza tão trabalhosa, se ver unico, sem o auxilio de ninguem, sósinho n'essa altiva cruzada, o heroe não foi capaz de desanimar. Elle tinha a instigal-o o seu grande amor patrio. E a *Chronica*, com as suas criticas sobre cousas de theatro, era o primeiro passo, a primeira tentativa feliz, para a consummação da sua idéa arrojada.

Nós estávamos na ultima com respeito a producções theatraes e a tudo que ao theatro respeita. Uma simples vergonha. A arte dramatica, ao contrario do que succedia lá fóra, tinha chegado á mais triste decadencia e á mais degradante miseria. Não tínhamos theatro. Nós, que na pessoa de Gil Vicente, o Plauto portuguez, cujas primeiras manifestações foram quasi que contemporaneas da expedição do Gama, havíamos fundado o theatro peninsular e lançado as pri-

meiras sementes para a cultura mais vasta de esse genero litterario, não tínhamos theatro nosso e proprio!

A scena portugueza, decahida, esquecida, quasi descurada vergonhosamente, fraudulentamente, por essa turba brilhante de poetas e eruditos do ultimo periodo do seculo XVIII, estava para alli como cousa inutil, de todo vergada ao genio francez, vivendo por isso de traducções desgraçadas e de reles imitações. Não quer isto dizer que hoje estejamos melhor. Não. Antes pelo contrario. Garrett não deixou successores. A alluvião de dramaturgos que se lhe seguiu foi uma chusma de nullidades e de impotentes, e assim veio o theatro portuguez a arrastar-se a uma outra decadencia. O verdadeiro e unico theatro, que outro não é se não o de Ibsen, Meterlinck, Ostrowky e outros auctores noruegueses, deve orientar-se no sentido de uma sincera educação, que é a que nos espiritos derrama a mais sã philoso-

phia, e enche as consciencias de uma perfeita moral. A missão do theatro, como um magnifico educador que elle é, como um largo campo onde pode ser levado o desafio da discussão, é a de aclarar e divulgar a idéa, demonstrando-a de um traço rasgado com a verdade dos trechos da vida levados para a luz da ribalta. Pois na scena portugueza o que se põe em evidencia, o que de ha uns tempos para cá se trata de exhibir, é a pornographia barata e nojenta. Criterio, esthetica, philosophia, moral, interesse, tudo isso que mais ou menos represente uma qualquer demonstração da intelligenza humana, que transpire ou inspire progresso e que diga evolução educativa, tudo isso está abolido, parece.

Não se trata de apresentar uma these, de estudar um facto psychico; de desenvolver uma questão social. Unicamente, exclusivamente, o que se pretende, mediante uma peça de ditos equivoccos e de factura e

concepções inverosímeis e não menos intrincadas, é arrancar a um publico que perdeu a noção da moral e do bello as mais estrondosas e successivas gargalhadas, de mistura com salvas de palmas. Isto, e mais nada. Assim nos encontramos. Se ao tempo, porém, em que Garrett reconheceu a extrema necessidade de fazer resurgir o theatro nacional, aquella outra decadencia era por falta de talento ou mau methodo por parte dos successores de Gil Vicente, o qual, no fim de contas, representava para o nosso paiz o principio e o encerramento do seu cyclo dramatico, isso é que ainda está por dizer. No entanto, Garrett sustentou que era antes mau methodo, errado systema, má forma de trabalho.

Assim seria, por que elles trabalhavam. A falta de methodo, ainda que as regras não sejam o que faz o dramaturgo nem os demais esculptores da idéa, era tudo, porém. As regras servem tão sómente



para formar um artista e obrigar-o a conter-se dentro dos limites do verdadeiro gosto, o qual alguns espiritos, tanto grandes como mediores, se julgam no direito de poder ultrapassar. Não era bem isto o que succedia então. Era uma cousa muito differente. Tinham elles para si, os auctores de aquelle tempo, que fazer um drama era mais difficil que escrever um romance ou rimar uma egloga. A factura de uma obra dramatica demandava-lhes uma observação profundissima de que então o poeta, que cultivava a poesia junto á margem dos rios e á sombra das arvores, a suspirar pelas suas amadas em trechos amorosos e sentimentaes, facilmente, geralmente prescindia. Crassissimo engano. Actualmente, em que o que impéra é o subjectivismo, ainda isso poderia admittir-se. Mas não. De todos os generos da nossa litteratura, o mais naturalmente assimilavel, não só agora, mas já n'aquelle tempo, e

isto por uma serie de circumstancias, taes como a abstracção, impossivel de fazer-se na discussão falada e difficil na litteratura escripta, mas que pode operar-se com facilidade na peça de theatro, limitando á evidencia apenas o caso a estudar e deixando em planos secundarios todos os outros, e ainda a imagem incompleta que um romance, por exemplo, pode deixar no leitor, e que para o espectador se completa ou é completada pelo desempenho, vem a ser, pois, o genero dramatico.

Elles, os de então, enganavam-se, illudiam-se. Iam lá fôra, para além das lusitanas fronteiras, buscar estacas de plantas francezas, affeitas a um outro clima, a um outro ceu, a um outro meio, nadas e criadas em outro terreno, e met-tiam-nas á força cá no nosso paiz. Ora, isto não era systema. Se, porém, taes estacas pareciam pegar, e de ali resultava a illusão de elles todos, a planta vingava muito mal,

muito rachitica, muito enfezada. Era a japoneira em terreno algarvio. Vinham umas flores desbotadas, informes, sem graça, sem seiva, sem gosto nenhum, e logo folhas e haste seccavam, tudo mirrava á luz do proscenio.

Se Gil Vicente tivesse vindo depois de elles, se o Plauto portuguez houvesse nascido em seguida a tal gente que, pelo muito que subiu nas azas da elevação lyrica, tão pouco attendeu ao problema do nosso theatro, elle, muito naturalmente, espontaneamente, teria levantado essa reliquia valiosa, que ora andava pela lama do indifferen-tismo. Outro, porém, o veio a fazer, e, esse, com mais fervorosa fé e suggestivo encanto.

Expondo, portanto, na *Chronica* toda a historia do nosso theatro até áquella epoca, e frisando bem o facto vergonhoso de essa triste decadencia a que a scena portugueza chegára, Garrett traçava ao mesmo tempo o caminho luminoso, mara-

vilhoso, de uma reforma completa e brilhante. Tres cousas, porém, apresentava o primaz dramaturgo como indispensaveis, como elementos primarios, para empresa tamanha como essa de preencher tão triste e desgraçada lacuna de um theatro nacional moderno. Eram esses tres grandes elementos um edificio apropriado para recitas, uma escola normal da arte de representar e um escolhido repertorio em tudo portuguez.

Nenhuma de essas cousas existia. Logo, n'essa falta importante, degradante, seria esse o maior dos obstaculos a vencer, se o governo, devido isso a Passos Manuel, ministro de Estado então, pela tentativa de golpe de Estado que ficou conhecida pelo nome de «belemzada», não lhe dêsse o seu auxilio valioso.

Desde 1834 que, por fallecimento de D. Pedro IV, estava reinando D. Maria II. O rei libertador libertara com effeito a sua terra, mas

não podéra concluir a sua obra. Por esta razão tornou então Portugal a ver-se a braços ainda mais uma vez com outras luctas também intestinas e que o assoberbaram não menos do que as precedentes, que tinham terminado havia dois annos com a derrota do partido realista. Foi, portanto, a morte de D. Pedro um grande desastre para a obra constitucional. A revolução de setembro, que acto continuo se seguiu á morte do monarcha, dividiu então de vez aquelles grandes homens da causa liberal em dois grupos oppostos, que vieram a chamar-se *setembrista* e *cartista*.

Ambos esses partidos disputavam o poder a que tinham sido chamados por D. Maria o duque de Palmella, fr. Francisco de S. Luiz, Ferraz e Vasconcellos, José da Silva Carvalho, duque da Terceira, conde de Villa Real e Agostinho José Freire, por que em todos os seus membros havia uma igual ambição, a mesma ancia insoffrida de

quererem ser ministros, de serem chamados tambem aos conselhos da corôa. Uma das primeiras consequencias de taes commoções foi o total desapparecimento da legalidade constitucional. N'aquellas duas hostes, que mutuamente, incarnicadamente se gladiavam com não menos paixão do que a que alimentou a guerra entre liberaes e realistas, não estavam alli dois partidos destinados ao governo do Estado, diversos embora nos seus systemas de administração, mas egualmente empenhados nos progressos do paiz. Pelo contrario. Eram duas facções, radicalmente oppostas, que um ardente odio inflammava, e que acceitavam a conspiração e a revolta como meios legitimos de conquistar o poder. Ora, com taes condições, era impossivel que o paiz pudesse gosar o fructo das reformas que o tinham vindo desopprimir e o deviam engrandecer. De maneira nenhuma.

Ainda assim a revolução pos-

suia uma idéa, e essa idéa não deixava de ser justa. Ella proclamára uma nova constituição, livremente votada pelo paiz, e coherente com o dogma da soberania popular. Era o seu fim denegar aos monarchas o direito que até então se lhes havia attribuido de disporem a seu bello prazer dos destinos da patria. Por isso o partido que tal idéa acclamara ia grangeando adhesões e vigor, chegando até a derrubar do poder o partido cartista. Mas, por que se desvairou e assim se perverteu, foi perdendo o prestigio e tambem os adeptos, e deixou de tal arte que o partido contrario se fosse approximando outra vez do poder. Não foi preciso mais para o triumpho dos cartistas. Os proprios chefes do partido setembrista, dominados por uma ambição impaciente e inhabil, de esta arte se encarregaram, portanto, de os pôr outra vez nos conselhos da corôa.

Os dois partidos estavam então

separados, não só pelas crenças, mas também pelo sangue ainda fresco das luctas civis. Ambos procuravam excitar as paixões publicas em favor das suas idéas e interesses. Ambos queriam vencer.

Dá-se, porém, a scisão na hoste cartista, entre Rodrigo da Fonseca Magalhães e Costa Cabral, do que resultou a restauração da Carta por um movimento preparado por este ultimo, e os setembristas, por essa razão, ficaram condemnados a um completo ostracismo politico. Foi então que nas côrtes de este anno, Almeida Garrett, eleito deputado pelos Açores, pronunciou em resposta a José Estevão, e ácerca do discurso da corôa relativo á questão ingleza, aquelle celeberrimo discurso que ficou conhecido pelo nome de *Porto Pyreu*. Garrett estava ao lado de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que a maioria reaccionaria abandonou para se sujeitar, não por um enthusiasmo de convicções, mas por um criminoso



e desprezível egoismo, a um homem sem pratica nem tactica, novo, recentemente convertido aos principios conservadores e inferior em talentos, sem duvida nenhuma, ao seu prodigioso rival.

O fim politico de Costa Cabral não era outro se não o de reduzir o governo representativo e parlamentar a um mero simulacro, afastar os seus adversarios de qualquer funcção publica, distribuir o orçamento entre os seus afillhados e amigos, finalmente, inaugurar uma oligarchia burocratica, que, seguindo o exemplo do imperio romano na decadencia, se applicasse a fazer passar na sociedade a vontade do poder, e no poder os tributos e as forças da sociedade.

Assim o comprovaram os factos, depois.

A imprensa foi escandalosamente, fraudulentamente perseguida. Viciou-se a urna com a maior independencia e a mais reles traição. E a independencia do

poder judicial e do professorado não podia ter sido mais infamemente affrontada do que foi, por meio de um decreto do poder executivo. Não se usava do poder só para corromper e violentar as liberdades publicas. Era tambem para exercer uma grande vingança sobre inimigos e adversarios. Por isso estes estavam sendo tratados talqualmente como um povo conquistado. Foi o que se viu nas celebres eleições de 1845. Nenhum meio, por mais deshonesto e por mais arbitrario que elle fosse, esculpou em empregar o governo para poder conseguir um triumpho. Os recenseamentos foram falsificados. Eleitores que não tinham voto e outros ainda que um capricho phantastico manipulou, todos foram admittidos. As diversas assembléas foram percorridas constantemente por grupos de empregados que de esta arte e por tal estratagemas, iam multiplicando a cifra dos votos. Destacamentos de soldados forma-

dos nas egrejas afastavam o povo por meio do terror. Eram os janizaros do conde de Thomar, como Camillo lhes chamou. E em algumas povoações, onde a resistencia aos abusos da auctoridade tomou uma attitude mais ou menos severa, não se hesitou em atirar sobre aquelles cidadãos mesmo á beira da urna. Ora, estas violencias, muito naturalmente, peremptoriamente, vieram a dar o seu resultado. A provincia do Minho agitou-se por completo, e a insurreição, denominada da *Maria da Fonte*, encontrando sympathias em quasi todo o reino, arrancou das cadeiras do poder o ministerio de Costa Cabral. Subiram então os setembristas, e o resultado de tal revolução foi o de salvar de um eclipse prolongado o governo representativo. Mas no meio de taes luctas e de civicas paixões foi Garret convidado por portaria ministerial a apresentar o seu plano para a fundação e organização do theatro nacional. Tudo expôz o poeta

animadamente, orgulhosamente, e viu logo coroados, em fim, todos os seus esforços e grandiosos projectos.

Não havia edificio apropriado para recitas? Edificou-se o theatro de D. Maria. Não havia escola da arte de representar? Fundou-se o Conservatorio. Não havia repertorio de producções nacionaes? Logo myriadas de dramaturgos appareceram, muitos para morrerem á nascença, é certo, mas alguns para subirem, voarem, não tanto como o Mestre, tambem é verdade, mas o bastante para o auxiliarem.

E isto, a bem dizer, foi tudo n'um ápice, sendo Garrett desde logo nomeado iuspector geral dos theatros e espectaculos nacionaes.

Assim veio a renascença da nossa arte dramatica, essa grande e abençoada evolução da scena portugueza e de toda a litteratura nacional, em que elle, o immortal dramaturgo e poeta inegualavel, poz todo o seu genio de excepcional po-

derio, todo o seu coração de acrisolado patriota, toda a sua actividade de benemerito de um povo.

Alma animada pela alma de Goethe, artista acabado, completo, educado no grande e no bello, como todo o apostolo da arte, a sua ultima phase litteraria ainda mais enriqueceu e engalanou as boas letras, fundando entre nós uma escola, á qual deu toda a vida da sua grande alma. O *Auto de Gil Vicente*, primorosa criação de um talento soberbo, que elle escreveu para o theatro da rua dos Condes, onde se havia homisiado o nosso theatro normal, e que ahi se representou em 1838, foi a primeira manifestação de essa phase brilhante, o assonio fulgente de uma aurora pomposa.

Era este o primeiro passo, e passo bem firme, bem dado que elle foi, para o estabelecimento da escola moderna na scena portugueza.

Um illustre escriptor, que ainda

foi contemporaneo de Garrett, diz que n'este genero, o *Auto de Gil Vicente*, é a mais animada das obras do auctor. Plenamente de accordo. E o exito que a peça obteve n'aquella grande noite de 15 de agosto de 1838 não podia ter sido nem mais delirante nem mais legalmente obtido. Hoje, a distancia do triumpho, como se exprimiu o citado escriptor, não é facil conceber o ardor dos applausos, nem toda a razão de elles. Os espectadores accordavam do pezadelo de informes e desgrehadas peças, e vinham respirar o ar fresco e temperado que circula nas paizagens da patria. Vinham escutar aquelles eccos plangentes em que parece que ainda soluçara a voz do cantor das saudades, aquella poezia tão meiga e sincera, que exprimia todas as penas do amor deixando chorar o coração á vontade.

Que boa poesia essa era! Os versos que têm ternura e cadencia e que agradam ao ouvido, ao

mesmo tempo que os pensamentos que encerram, entram todos elles no nosso coração e ahi fazem vibrar a nossa alma, esses, são os versos de todos os tempos. Não tem sido outro o imperio do sentimento. Elle dá vida eterna a todas as obras, e a arte, que assim se alimenta, tambem se embelleza e anima tambem. Aquella santa poezia, recolhida na sua bella tristeza e nunca occultando o pranto das faces, disse a magua conforme a sentia, como ella commove, sem falsas contorções, por que dizia a verdade, sem freneticas imprecações, por que era santissima. Vendo-a lacrimosa e terna, a alma foi atraz de ella, caminho da verdade, e a queixosa paixão que de seus labios sahia era, tinha sido, e podia ainda ser, a paixão de nós todos.

Mas onde isso vae!

O *Auto de Gil Vicente*, como interpretação historica, subia ás origens do theatro nacional do seculo XVI, abrindo com ellas o

quadro da nova epoca. Na expressão de Rebello da Silva, atava as tradições e honrava a arte, começando a renovação pelo retrato do fundador. Como pintura de paixões e de costumes, principiando em Bernardim Ribeiro e acabando no Plauto portuguez e seu Mecenas, el-rei D. Manuel, os personagens, todos no seu logar e no seu proprio character, concorriam sem esforço para tornar exactissimas a revelação do aspecto elevado de um dos seculos maiores que teve Portugal. Na mente, porém, do poeta, que com esse trabalho dramatico quiz estreiar o tablado moderno, o *Auto* mirava a um alvo ainda mais importante. O drama, na opinião de Garrett, devia ser, em attenção áquellas nossas circumstancias dramaticas, um estimulo e um convite tambem. O seu fim era regenerar o theatro portuguez, purificando-o das devassidões em que estava e alevantando-o com o culto das graças mais castas, sal-



vando-o de este modo do desprezo do publico, mediante as mais bellas obras. E de facto. N'essa esteira seductora do descobrimento da velha alma nacional, coração em procura da ficção subtilissima das lendas populares e da doce tradição das nossas façanhas, artista inspirando-se nos arpejos da lyra do povo, ahi trouxe á luz da ribalta esses typos immorredouros como elle, as mais alterosas individualidades e as mais peregrinas figuras de este povo de poetas e de heroes, de sonhadores e de athletas gigantes, raça aventureira e cavalleirosa.

O *Frei Luiz de Sousa*, esse modelo de peça dramatica, profundamente, bellamente portugueza, que escreveu para o theatro de D. Maria, então já a funcionar como theatro normal, essa grande reliquia da nossa arte dramatica, que então, como hoje e como sempre afinal, por mais evoluções por que passem as lettras, levantou enthu-

siasmos frementes e enthusiasmos ainda levanta e ha de sempre levantar, os quaes se repercutiram no estrangeiro, ainda repercutem e repercutirão, essa immortal obra de arte, grande e alterosa em todo o mundo, traduz de uma forma tão clara como incisiva a resurreição do nosso theatro. Ella corre parelhas com o theatro de Sophocles, e ha de para o futuro, como disse um grande critico, collocar-se ao lado dos *Lusiadas* como attestado da existencia de um povo. Nunca tão alto nem mais alto foi o poder creador de Garrett.

A tradição inspiradora do drama já de si é formosa e soberba. Quem a não conhece? Frei Luiz de Sousa tinha no mundo o nome de Manuel de Sousa Coutinho. Era elle um illustre cavalheiro e homem dotado de não menos más lettras. Andando de uma vez os governadores de Portugal pelas vizinhanças de Lisboa, por causa da peste, estes lhe mandaram dizer que iriam resi-

dir na sua casa de Almada. Indignado por uma tal arbitrariedade, Manuel de Sousa deitou fogo ao seu proprio palacio e em seguida retirou para Castella. Voltando a Portugal contrahiu matrimonio com D. Magdalena de Vilhena, esposa que fôra de D. João de Portugal, o qual toda a gente suppunha que houvesse fallecido na batalha de Alcacer. Manuel de Sousa teve de esta senhora, sua filha D. Anna de Noronha, que morreu ainda nova e solteira.

Na sua casa reedificada de Almada viviam os dois conjuges na maior harmonia, quando um bello dia se apresentou um peregrino a D. Magdalena, e assim lhe falou:— Sou um portuguez que venho de Jerusalem. Ao tempo de voltar para este reino, me buscou um outro portuguez, e me pediu e encomendou muito que chegando a salvamento quizesse eu passar por esta villa e dizer a vossa mercè, se fosse viva, que ainda por aquellas

partes vivia quem de vossa mercê se lembrava.

Ficou D. Magdalena sobressaltada, e ainda muito mais se affligiu quando, levado o peregrino a outra sala, elle apontou para o retrato de D. João de Portugal e accrescentou que fôra aquelle que tal ordem lhe dera. Sabedor de tudo isto, Manuel de Sousa persuadiu sua mulher a apartarem-se um do outro, despedindo-se os dois para sempre do mundo. Assim o fizeram. Elle entrou no convento de Bemfica com o nome que o immortalizou, e ella no mosteiro do Sacramento, proximo de S. Vicente, ficando a chamar-se Soror Magdalena das Chagas.

E nunca mais se tornaram a vêr.

A esta obra prima do *Frei Luiz de Souza*, o drama mais perfeito que em nossa linguagem se tem escripto até hoje, succedeu o *Alfageme de Santarem*, essa outra producção dramatica, verdadeira criação de um talento superior, para o qual toda a obra de arte tem sem-

pre um intento philosophico. No *Alfageme de Santarem* ou *Espada do Condestavel*, que de ambos estes dois modos o denominou o escriptor, saudou este povo portuguez o seu irmão de trabalho, que sentia no peito um grande coração, rijo como o aço das couraças que forjava, mas ao mesmo tempo affectuoso e sincero como a poezia que o havia embalado.

O drama desenvolve-se soberanamente, placidamente, á luz de aquelle grande e fulgente relampago da historia patria, que vae desde a morte de D. Fernando, apanhando a regencia de D. Leonor, amante de João Fernandes Andeiro, até á acclamação do Mestre de Aviz. O quadro é soberbo. Não menos soberba é a feitura da peça, que Garrett firmou sobre aquella lendaria tradição da espada que Nuno Alvares herdára de seu pae D. Alvaro Paes, prior do Crato. São uns bellos cinco actos cheios de muito coração e de vida.

Ora, do coração é que vêm os pensamentos tocantes e enternecedores. Os pensamentos profundos e justos partem tão só da razão, assim como os mais faiscantes, todos luz e ardencia dimanam da imaginação. Os grandes, os sublimes, os emovedores, os maiores pensamentos, em fim, esses, origina-os a alma. De esta arte vem o homem a decompor-se em quatro partes sublimes, que são alma, coração, imaginação e razão. Tudo isto o assignala elle proprio, elle, essa cousa tão uma e que tão diversamente, simultaneamente, mediante inherentes palavras, assim se manifesta e se expande.

De alma, coração, imaginação e razão, bem de alto se expandia Garrett. Sirva-nos de exemplo este seu mesmo drama do *Alfageme*. Ninguém antes de elle tinha assim trabalhado para o theatro. Boa escolha de assumptos, urdidura engenhosa, atilada distribuição de personagens, finas situações a produ-

zirem bons lances, effeitos interessantes resultantes da acção, incidentes delicados e variados extrahidos do proprio fundo do enredo, e tudo isto vivificado e engalanado por uma linguagem tão cheia de primores, era então novidade que a todos pasmava. O theatro, ate alli considerado, por isso, como a mais enfadonha das monotonias, tomou desde logo proporções assombrosas de vitalidade.

Tambem o *Alfageme* fazia reviver verdadeiras figuras homericas da nossa boa historia. Nuno Alvares, por exemplo, ainda então fronteiro-mór do Alemtejo e bom protector do Mestre de Aviz no assassinio do valido da rainha, representa alli um papel imponente com todo o seu amor sincerissimo, purissimo, áquella virtuosa Alda, que, de tão innocentes palavras dotada, e tão incendida de um sentimento não menos virtuoso, é o typo perfeito da mulher delicada e nobre no amor. Typos completos tambem e

quasi inimitaveis são de igual arte o do proprio Alfageme e o do velho sacerdote Froylão, popularmente conhecido, no seu tempo, pelo nome de *S. Gonçalo das raparigas de Santarem.*

As obras de Garrett são todas assim. Todas dão vulto á historia da patria.

Talqualmente palpitante de verdade e de interesse, e todas ellas purissimas de estylo, são a *Filippa de Vilhena*, que em seguida appareceu, a *Sobrinha do Marquez*, vinda logo depois, as *Prophecias do Bandarra* e o *Noivado no Dafundo*, que pela ordem descripta se succederam áquellas, tudo obras do mais fino quilate, dramas e comedias de um sabor aristocrata, de uma habil feitura portugueza e artistica, onde ha extremecimentos do coração e ironias satyricas de um finissimo dizer.

Tudo isso são telas grandiosas, esplendorosas, onde o divino poeta deixou para sempre a sua alma de



sublime modelador da forma e prodigioso escultor da idéa.

E n'este periodo de tamanha actividade, em que tambem produziu essas duas bellas comedias, de titulos *O tio Simplicio* e *Falar verdade a mentir*, esta ultima, imitada de Scribe, ainda a politica que elle não abandonára e que não o largava, lhe levava a melhor parte do tempo.

Eleito deputado pelos Açores, conforme já dissémos, tinha as sessões camararias a que nunca faltava, e nas quaes, desde o primeiro dia em que transpôz os humbraes de S. Bento, foi sempre o mais fluente e elevado orador, não de esses que dizem os seus discursos escriptos e estudados primeiro no socego do gabinete, mas alto tribuno que se inspirava nos debates de occasião, alli, com a energia de Cicero, arrebatando e commovendo o auditorio. Ao mesmo tempo, porém, em que nas lettras, especialmente, altamente nas lettras drama-

licas, ascendia a um throno elevado, tão alto que não pôde medir-se, a um ceu de gloria que rarissimos attingem, alcançava na tribuna parlamentar uma supremacia só igual á de José Estevão, deixando alli, nos annaes do parlamento portuguez gloriosamente, eternamente celebres alguns discursos de propaganda e de combate. Arrebata-dora e calorosa como sempre, a sua palavra era ahi eloquente tambem, de uma grande eloquencia onde toda a sua alma palpitava e vibrava de par com a arte, a paixão e a forma litteraria.

Foi, pois, um modelo, como politico tambem.

Entretanto a politica exaltada em que todo o paiz se enredára n'uma abrir e fechar de olhos, levantando escaramuças e luctas, não só entre os dois declarados partidos, que se davam os nomes de setembrista e cartista, mas até entre os proprios militantes de este ultimo, como já observámos, pôl-o fóra do

theatro, que elle alevantára, que elle resuscitára, mas que o rude cabralismo desatou a combater por que teimosamente, lorpamente, o suppunha prejudicial aos seus arrogantes manejos politicos.

O que não fizeram Cabraes!

Em pleno periodo de guerra civil, n'esse mesmo anno da *Maria da Fonte*, em que vinha de lançar finalmente á luz esse livro que mais luz encerra, esse facho guiador dos desprotegidos da sorte, que se intitula *Tratado de educação*, foi Garrett outra vez, mediante o celebrado suffragio do anno anterior, eleito deputado pelo Alemtejo, produzindo, no entanto, e publicando a seguir até 1854, quatro volumes de primeira grandeza.

São elles as *Flores sem fructo*, o *Romanceiro*, os dois ultimos tomos, segundo e terceiro, e os seus *Discursos parlamentares*.

N'este comenos, proclamada por ultimo a Carta constitucional, não como D. Pedro a legára, mas com

bastantes modificações, e feita, portanto, a fusão das duas facções, que no campo da politica tanto se gladiaram, a liga do grupo de Costa Cabral com o de Rodrigo da Fonseca Magalhães, Garrett, como titular da pasta dos Negocios estrangeiros, entrou no ministerio que então foi ao poder e no qual pouco tempo demorou.

Ex-ministro, Par do Reino, e visconde de fresco, mas sempre poeta, sobre tudo poeta, e poeta divino, um dos mais fulgurantes de todos os tempos, publicou elle então esse livro, essa joia litteraria que excede tudo quanto ha de melhor no mais requintado lyrismo, e que se chama simplesmente, laconicamente, *Folhas cahidas*. Este foi o seu ultimo livro. Este foi o seu canto de cysne. Por isso os toques divinaes, apaixonados e ternos da sua penna scintillante de sublimes bellezas, ahi subtilisaram e subiram até á quinta essencia do bello. Se esse era o seu canto de cysne!

Assim devia ser.

Poeta apaixonado e ardente, coração sequioso e anhelante do bello, alma a abrir-se para a mais santa affeição, Garrett assim devia morrer: n'uma doce explosão de amor. E que é o amor se não esse delicioso sentir que, na phrase de um grande philosopho, inspira e anima todas as mais bellas creações do artista? Que é o amor se não o grande coeficiente do magestosissimo drama da historia? O amor é isso. E' Tasso enamorado de Leonor, e de ella recebendo a genial inspiração dos seus melhores versos. O amor é o cantor das nossas gloriosas façanhas, que apaixonado por uma prínceza, escreve o soneto «Alma minha gentil que te partiste». O amor é, em fim, o grande poeta das saudades, o nosso Bernardim, que do seu coração, da sua alma, de todo o seu intimo, arrancou essas paginas formosas da formosissima «Menina e moça».

A sciencia, porém, a pathologia

chama ao amor um estado morbido apenas. Para a pathologia tudo é morbido. O amor é, portanto, uma doença. Será. Pois foi de essa doença que Garrett morreu.

O sr. Theophilo Braga, escrevendo que o primaz trabalhador da penna se achou envolvido nos seus ultimos annos em uma paixão censuravel, de que resultou, quanto ao quadro deslumbrante e fascinador das *Folhas cahidas*, a expressão de todas as suas emoções, a descripção delicada das situações imprevistas em que se achava, as confidencias, as vacillações da sua passividade, os favores concedidos de surpresa, as recordações e por fim a indifferença da parte da que era tão frivola como as outras da sua recente aristocracia, não quer tão sómente alludir ao facto de que aquelle lyrismo, para elle ser cuidado com um certo triumpho, preciso seria que aquelles que o tratassem tivessem com o mundo uma grande convivencia. Não. Elle diz comnosco

tambem, no tocante ao fallecimento de Garrett, que a morte do egregio escriptor foi uma doce explosão de amor. Morreu santamente.

Aquelle espirito, dos mais esclarecidos que o nosso paiz tem tido até hoje, aquelle grande homem, que, como nenhum outro, representa nobremente, caracteristicamente o seculo passado em todas as phases da nossa sociedade e da nossa mentalidade, aquelle athleta gigante, que como poeta, orador, dramaturgo, politico, romancista e educador, em si encerrou o pensamento e o sentimento de uma epoca, e houve por isso, em todo o solo portuguez, o throno da supremacia mental, tinha infelizmente de apartar-se da vida para uma outra existencia de onde elle emanára. Se o seu corpo, porém, não pôde desabrochar do seio da terra em deslumbrantes flores, por que as putrilagens cadavericas não serviram de repasto ás leivas, a sua alma refulgente, faiscante, essa, ali está



na immensidade do azul, refulgindo, vibrando, em myriadas de estrellas.

Não. Elle não morreu. Ausentou-se de nós. Mas conhecemos ainda está e estará por que os mortos, como nós lhes chamamos, os iniciados, como deveríamos chamar-lhes, agitam-se dentro de nós, á nossa volta, como diz Schopenhauer.

E lá do desconhecido, onde paira, o vento nos segreda a melodia dos seus versos; e na luz, no som, no calor, sob todas as formas infinitas da força, alguma cousa da sua alma se infiltra na nossa.

Méro accidente no cyclo da evolução biologica, a morte de Garrett, como a de todo o homem em fim, não significa de modo nenhum uma annulação. Tudo que não foi pasto de esse soturno banquete dos vermes, de esse connubio entre as larvas e o cadaver, transmuda-se no seio da retorta universal em agua, anhydrido carbonico, ammoniaco e saes, que vão, espaço fóra,



arrastados pela circulação cosmica, nas viagens eternas do proprio invisivel.

Ora, a materia humana, assim espalhada aos quatro ventos, para uma vida mais rica e mais bella, e eterna como a propria natureza, continua, portanto, sob varias methamorphoses, perpetuamente, constantemente, e sem perda de uma unica parcella.

Não ha, pois, negação.

Quando Garrett morreu, as gazetas e as lyras carpiram-no então, exaltando-lhe o talento e a memoria, e declarando de luto rigosoro toda a litteratura portugueza. Gomes de Amorim, o seu mais dedicado amigo, o seu mais fervoroso admirador, ergueu-lhe um monumento que ficou para sempre, e o cadaver de Almeida Garrett, o corpo inanimado do divino poeta, do sublime orador, do primaz dramaturgo, do elevado politico, do suave romancista, do grande educador, recebeu o lutuoso abrigo em um jazigo do cemiterio

dos Prazeres, pertencente á familia do conde de Ficalho.

Foi isto ha quarenta e nove annos.

Já lá vae, pois, nada menos que meio seculo, com differença de um anno apenas, um periodo bem largo de tempo, durante o qual o vasto templo dos Jeronymos veio a ser destinado por sua natureza e por uma resolução official o Panthéon nacional; e ao cabo de contas, quarenta e nove annos depois, os restos mortaes do glorioso restaurador do theatro portuguez ainda estavam n'esse jazigo de emprestimo, ainda se lhes devia a miseria de um tumulto. Tambem a Camões succedeu outro tanto, e, a esse, com mais prolongada e vergonhosa demora. Não se acredita. Pois amplo como é, magestoso como elle se alevanta, esse historico edificio de Belem, começado a construir pelo rei D. Manuel em commemoração do descobrimento da India, poderia offerecer, elle, duvidas sobre se lá

caberiam ou não todos os nossos grandes homens a quem a patria deve ser agradecida? Simplesmente phantastico. Quanto, porém, a Garrett, se só o seculo passado pagou essa divida de tres seculos ao glorioso cantor das nossas victorias, não podia no seculo presente caber entre nós tamanha ingratiidão. De modo nenhum.

A idéa brilhante de commemorar a passagem dos primeiros cem annos depois do nascimento do immortal dramaturgo, parecia que visava a esse fim glorioso. Foi um engano. A commemoração realisouse, afinal, prestou-se uma homenagem, é verdade, mas não se fez tudo, não se fez nada. As cinzas de Garrett continuaram onde estavam. Não estavam abandonadas, não estavam esquecidas, mas estavam deslocadas, estavam fóra do altar que a patria lhes devia. Logo, que se fez, então? Não se fez nada.

Foi um acto de contricção o que se fez.

A unica, a synthetica, a verdadeira solemnisacção do centenario do grande homem, seria, afinal, a mocidade academica, de onde toda a iniciativa partiu, em vez de se centralisar no Porto, n'aquelle dia 4 de fevereiro de 1899, ter ido n'esse dia a Lisboa, ao jazigo quatrocentos cincoenta e cinco do cemiterio dos Prazeres, onde Garrett, ha quarenta e cinco annos então, dormia o grande somno dos mortos; e de alli, de essa pequena capella, que diz morte e tristeza, ainda que fosse sem apparato nenhum, formando-lhe um obelisco das suas capas confundidas n'um abraço entusiasta, modestamente, religiosamente, transportal-o para debaixo de aquellas abobadas do templo magestoso dos Jeronymos, que nos falam de glorias e de tantas riquezas, e onde estão os rendilhados soberbos do cinzel da Renascença a evocarem todo o nosso passado.

Assim não succedeu.

E por que então a mocidade

academica não soube realmente cumprir o seu dever, outros tomaram agora a missão sobre si; e esses outros tão de alma a cumprir, tão patrioticamente, tão brilhantemente, com tão bellos e felizes resultados, que o facto não pôde por isso deixar de marcar uma pagina sublime no livro-da nossa historia.

Agora sim. Só agora é que se pagou essa divida. Cumpriu-se um dever, emfim. E a gloria de tamanho triumpho, que cabe todo elle a um punhado de generosos portuguezes, a esses homens de energia e de talento que compõem a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, enche de orgulho todo o povo portuguez, cuja alma, ora vibrante de jovialidade, ora merencoria e saudosa, ninguem melhormente do que Almeida Garrett, ainda soube intrepertar e sentir.

Elle era o poeta do povo.

Elle era de todos os poetas o mais nacional, o mais portuguez.



## Addenda

---

*Por um lapso que o leitor perdoará, apparecem no texto das primeiras paginas de esta monographia alguns numeros indicativos de notas a varias passagens. Foi, de facto, idéa do auctor acompanhar o seu humilde trabalho de algumas notas mais ou menos interessantes. Como, porém, resolvesse o contrario e na revisão lhe escapassem esses numeros, sahiram, portanto, indevidamente as duas primeiras folhas de impressão com as referidas chamadas ou indicações.*

*Quanto a erratas e outros lapsos typographicos, a que o livro, apesar de pequeno, não pôde escapar, são elles felizmente de tão pouca valia que o leitor facilmente os corrigirá.*







Ch. 10



